



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE MIRACEMA DO MIRACEMA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ALAÍZE BARBOSA VIEIRA

**A OBRA EPOPEIA TOCANTINENSE DE IRMA GALHARDO: POTENCIAIS E
DESAFIOS (PROBLEMAS) HISTÓRICOS-PEDAGÓGICOS DO LIVRO E DA
TRAJETÓRIA DA AUTORA**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2026

Alaíze Barbosa Vieira

**A obra epopeia tocaninense de Irma Galhardo: potenciais e desafios (problemas)
históricos-pedagógicos do livro e da trajetória da autora**

Trabalho de Conclusão apresentado na modalidade
Monografia ao Curso de Pedagogia do Campus Miracema
como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.
Orientador: Prof. Dr. Francisco Gonçalves Filho

Miracema do Tocantins, TO

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- V658o Vieira, Alaize Barbosa.
 A obra epopeia tocaninense de Irma Galhardo: potenciais e desafios
 (problemas) históricos-pedagógicos do livro e da trajetória da autora. / Alaize
 Barbosa Vieira. – Miracema, TO, 2026.
 75 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2026.
 Orientador: Francisco Gonçalves Filho

 1. Literatura regional. 2. História do Tocantins. 3. Prática pedagógica. 4.
 Identidade cultural. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ALAÍZE BARBOSA VIEIRA

A OBRA EPOPEIA TOCANTINENSE DE IRMA GALHARDO: POTENCIAIS E
DESAFIOS (PROBLEMAS) HISTÓRICOS-PEDAGÓGICOS DO LIVRO E DA
TRAJETÓRIA DA AUTORA

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Pedagogia foi avaliada para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Francisco Gonçalves Filho, Orientador. UFT

Prof. Dr^a. Kethlen Leite Moura-Berto, Examinadora. UFT

Prof. Dr. Antônio Miranda de Oliveira, Examinador. UFT

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos meus pais, Ana e Luiz, por todo o amor, ensinamentos e apoio ao longo da minha vida. Vocês foram fundamentais na construção de quem sou e na realização deste sonho

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança ao longo de toda a minha trajetória acadêmica, iluminando meus caminhos e sustentando-me nos momentos de dificuldade.

À minha família, base fundamental da minha vida, expresso minha profunda gratidão. Aos meus pais (Ana e Luiz) pelo amor, pelos ensinamentos e pelos valores que me formaram como pessoa e que foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Ao meu esposo, Felismauro, companheiro de todas as horas, agradeço pelo apoio incondicional, pela paciência, pelo incentivo constante e por compreender minha ausência em tantos momentos dedicados aos estudos. Às minhas filhas (Melissa e Ana Vitória), razão maior da minha vida, agradeço pelo carinho, pela compreensão e por serem minha inspiração diária para seguir firme na realização deste sonho. Cada conquista minha também é de vocês.

Ao meu orientador, Professor Dr. Francisco Gonçalves Filho, agradeço de maneira especial pela orientação cuidadosa, pela paciência, pelo ensino generoso e pelas contribuições acadêmicas que enriqueceram significativamente esta pesquisa. Expresso minha sincera gratidão pelo incentivo constante, pela animação e pelo entusiasmo com que acompanhou cada etapa deste trabalho. Por ter acreditado na pesquisa desde o início e por me dar total apoio e confiança ao longo de todo o processo, fatores fundamentais para a concretização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos membros da banca examinadora: Prof. Dr^a Kethlen e Prof. Dr. Antônio Miranda pela leitura atenta, sugestões e reflexões compartilhadas. Muito obrigado.

Aos professores do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Miracema, agradeço pelos ensinamentos, pelas reflexões e pelo conhecimento compartilhado ao longo da graduação, que foram fundamentais para minha formação acadêmica e humana. A todos os colegas de curso, que de alguma forma compartilharam essa caminhada, agradeço pelas trocas de experiências, pelo apoio e pelos momentos de aprendizado coletivo.

Por fim, deixo meu sincero agradecimento a todos que acreditaram neste percurso e tornaram possível a concretização deste Trabalho de Conclusão de Curso que representa não apenas uma conquista acadêmica, mas também a realização de um projeto de vida construído com esforço, dedicação e esperança.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar a obra *Epopéia Tocantinense*, de Irma Galhardo, enquanto instrumento histórico, cultural e pedagógico para o ensino da história do Tocantins. A pesquisa parte da compreensão de que a literatura regional, especialmente aquela construída a partir de elementos da cultura popular, como o cordel e a xilogravura, constitui-se como importante recurso para a valorização da identidade e da memória coletiva do povo tocaninense. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho exploratório e descritivo, fundamentada em levantamento bibliográfico, análise documental e pesquisa de campo. A pesquisa de campo foi realizada em escolas da rede estadual de ensino do município de Miracema do Tocantins, com o intuito de verificar a existência da obra nos acervos escolares e sua utilização pedagógica. Os dados coletados evidenciaram que a obra *Epopéia Tocantinense* está ausente na maioria das bibliotecas escolares investigadas e, mesmo quando presente, não é utilizada em práticas pedagógicas, revelando um distanciamento entre o potencial educativo da literatura regional e sua efetiva aplicação no contexto escolar. Os resultados apontam ainda para o desconhecimento da obra por parte de professores e coordenadores pedagógicos, bem como para a ausência de políticas institucionais que incentivem a utilização de materiais voltados à história local. Conclui-se que a obra analisada possui relevante potencial para o ensino da história do Tocantins, entretanto, sua contribuição ocorre predominantemente em nível potencial, sendo necessária a ampliação de ações pedagógicas e institucionais que promovam o acesso, a valorização e o uso da literatura regional nas escolas.

Palavras-Chave: Literatura regional. História do Tocantins. Educação. Identidade cultural. Prática pedagógica.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to analyze the literary work *Epopéia Tocantinense*, written by Irma Galhardo, as a historical, cultural, and pedagogical resource for teaching the history of the state of Tocantins. The study is based on the understanding that regional literature, especially works rooted in popular culture such as cordel poetry and woodcut-style illustrations, plays a significant role in valuing cultural identity and collective memory. This research adopts a qualitative, exploratory, and descriptive approach, supported by bibliographic review, documentary analysis, and field research. The field research was conducted in public state schools in the municipality of Miracema do Tocantins, aiming to verify the presence of the work in school library collections and its pedagogical use. The findings indicate that *Epopéia Tocantinense* is absent from most of the investigated school libraries and, even when available, it is not used in classroom practices. The results also reveal a lack of awareness of the work among teachers and pedagogical coordinators, as well as the absence of institutional policies that encourage the use of regional literature in teaching practices. It is concluded that the analyzed work holds significant potential for teaching the history of Tocantins; however, its contribution remains mostly at a potential level, highlighting the need for educational and institutional initiatives that promote access to, appreciation of, and engagement with regional literature in schools.

Keywords: Regional literature. History of Tocantins. Education. Cultural identity. Pedagogical practice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Brasão do estado do Tocantins

Figura 2 - Estado de Goiás / Tocantins (antes da constituição de 1988).

Figura 3 - Mapa do estado do Tocantins, “após o 1988”

Figura 4 - Imagem da árvore fava de Bolota no pátio da UFT – Campus Miracema do Tocantins/TO

Quadro 1 - Levantamento do livro Epopeia Tocantinense nas escolas estaduais pesquisadas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
1.1	Procedimentos Metodológicos.....	11
2	ELEMENTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E PEDAGÓGICOS DA OBRA EPOPEIA TOCANTINENSE	11
2.1	Análise e descrição da narrativa da Epopeia Tocantinense.....	13
3	PESQUISA DE CAMPO: ESTUDO DA ENTREVISTA DE TERCEIROS E LEVANTAMENTO DAS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS.....	52
3.1	Estudo da entrevista à Irma Galhardo realizada por Cordeiro, em 2016.....	51
3.2	Levantamentos das instituições educativas.....	52
4	POTENCIAL PEDAGÓGICO DO LIVRO EPOPEIA TOCANTINENSE	61
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS	68
	APÊNDICES.....	70

1 INTRODUÇÃO

A valorização da história e da cultura regional é um elemento essencial para o fortalecimento da identidade de um povo. No contexto tocantinense, a obra *Epopéia Tocantinense*, escrita por Irma Galhardo, se destaca como uma produção literária que alia a estética do cordel à construção da memória do estado. A obra explora a história do Tocantins, sua cultura, e as tradições, promovendo a valorização das lutas, dos personagens e dos símbolos que compõem o imaginário coletivo do povo tocantinense.

Este trabalho tem como tema a obra *Epopéia Tocantinense*: potenciais e desafios (problemas) histórico-pedagógicos do livro e da trajetória da autora. A pesquisa busca analisar de que forma sua produção literária, especialmente o livro *Epopéia Tocantinense*, tem contribuído para o fortalecimento das representações sociais e culturais do povo tocantinense nas práticas pedagógicas escolares.

A problemática que orienta esta investigação é: como o livro *Epopéia Tocantinense* vem contribuindo para o ensino da história (do Tocantins); e, para sua tocantinidade (identidade)?

A hipótese inicial é a de que a obra é atual e vem sendo um instrumento potente de ensino, promovendo não apenas aprendizado da história regional, mas também o reconhecimento da identidade cultural do povo tocantinense, além de despertar nos estudantes o sentimento de pertencimento e valorização da própria identidade.

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa consiste em analisar de que forma a obra *Epopéia Tocantinense*, de Irma Galhardo contribui para o ensino e o fortalecimento das representações sociais e culturais do povo tocantinense na sala de aula.

Para alcançar esse fim, a pesquisa se desdobra em objetivos específicos voltados a análise da obra, a compreensão da trajetória da autora e a investigação de como o livro tem sido utilizado no contexto educacional.

Para isso os objetivos específicos são: identificar os elementos históricos, culturais e pedagógicos presentes em sua estrutura narrativa e linguagem; investigar a formação histórica do Tocantins por meio de levantamento bibliográfico e entrevista ou formulário de questões para a autora; compreender como a obra *Epopéia tocantinense* pode ser utilizada nas escolas, na formação de representações sociais e culturais entre estudantes e educadores.

A escolha por este tema justifica-se pelo interesse que nasce da necessidade de valorizar a história, as tradições e os saberes populares da região. A leitura da obra *Epopéia Tocantinense* despertou um sentimento de pertencimento, além da vontade de compreender de forma mais profunda, como a literatura pode ser uma ferramenta de resistência, memória e valorização da

identidade regional. Essa pesquisa também representará um mergulho nas próprias raízes e uma tentativa de contribuir para que mais pessoas conheçam da sua cultura.

Do ponto de vista acadêmico, este trabalho se justifica pela relevância de investigar as intersecções entre literatura e identidade cultural. A literatura de Irma Galhardo ainda é pouco explorada no meio acadêmico, o que abre espaço para uma análise crítica que dialogue com os estudos literários, culturais e históricos.

A obra contribui para a valorização da cultura tocantinense ao evidenciar elementos históricos e simbólicos que compõem a identidade regional, aspecto que pode ser compreendido à luz dos estudos sobre literatura e representação social.

Além disso, iniciativas como esta colabora para a preservação da memória coletiva e para o reconhecimento da importância da diversidade cultural brasileira.

1.1 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, tendo como objetivo compreender o potencial pedagógico da obra *Epopéia Tocantinense* no contexto do ensino da história local.

A abordagem qualitativa justifica-se por buscar compreender os significados e interpretações relacionados ao objeto de estudo, considerando aspectos subjetivos e contextuais. Quanto à natureza exploratória, a pesquisa visa proporcionar maior aproximação com o tema investigado, permitindo aprofundar a compreensão do problema de pesquisa.

Além disso, apresenta caráter descritivo, uma vez que se propõe a descrever e analisar as características do fenômeno estudado de forma sistemática, sem interferir diretamente na realidade observada.

O universo da pesquisa foi composto por escolas da rede estadual de ensino do município de Miracema do Tocantins. A amostra foi constituída por instituições escolares selecionadas com base nos seguintes critérios: localização no município, funcionamento regular e acesso ao acervo bibliográfico. A escolha dessas escolas justifica-se pela relevância de compreender como a literatura regional está inserida no contexto educacional local.

Os sujeitos da pesquisa foram gestores escolares e profissionais da educação, considerando sua atuação direta na organização pedagógica e no uso de materiais didáticos.

A coleta de dados foi realizada no período de fevereiro e março de 2026, por meio de levantamento do acervo das bibliotecas escolares, com o objetivo de identificar a presença da obra *Epopéia Tocantinense*, bem como a observação indireta sobre sua utilização no contexto

pedagógico. Além disso, foi realizada análise documental de fontes secundárias, incluindo entrevista publicada com a autora da obra, não configurando, portanto, coleta direta com seres humanos.

A escolha por escolas da rede estadual, que atendem aos anos finais do ensino fundamental, optou-se por investigar o contexto em que, embora o curso de Pedagogia tenha como campo de atuação prioritário os anos iniciais, a formação do pedagogo também envolve a compreensão dos processos educativos em diferentes etapas da educação básica, especialmente no que se refere à construção da identidade cultural e ao uso de recursos pedagógicos. Nesse sentido, a escolha das escolas estaduais amplia o olhar sobre o objeto de estudo, permitindo compreender como a obra pode ser explorada em diferentes níveis de ensino.

Dessa forma, a delimitação da pesquisa não se configura como uma limitação, mas como uma estratégia metodológica coerente com os objetivos do estudo.

Para a análise dos dados, adotou-se a técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (2011), desenvolvida em três etapas: (1) pré-análise, com organização do material; (2) exploração do conteúdo, com identificação de elementos recorrentes; e (3) tratamento e interpretação dos resultados, buscando compreender a relação entre literatura regional, identidade cultural e prática pedagógica. Também, o livro *Palavra e Discurso: Literatura e História*, de Maria Aparecida Baccega (1995) nos ofereceu, especialmente, em seu Capítulo 5, subsídios teóricos importantes sobre o uso da linguagem e da literatura como forma de discurso social e instrumento de formação cultural e educativa. A obra contribuiu para fundamentar a análise das representações sociais e culturais presentes nos textos de Irma Galhardo.

A pesquisa também articula análise literária, revisão histórica e investigação de campo, organizadas de forma complementar: inicialmente, a análise da obra; em seguida, a contextualização histórica; e, por fim, a verificação empírica nas instituições escolares.

Esse percurso metodológico possibilita compreender não apenas o conteúdo da obra, mas também sua inserção e potencial no contexto educacional tocantinense.

A entrevista com a autora Irma Galhardo, utilizada neste estudo, não foi realizada diretamente pela pesquisadora, mas trata-se de um documento já publicado em meio acadêmico. Dessa forma, sua utilização configura análise documental.

2 ELEMENTOS HISTÓRICOS, CULTURAIS E PEDAGÓGICOS DA OBRA EPOPEIA TOCANTINENSE

Inicialmente, a análise da narrativa da obra *Epopéia Tocantinense* permite compreender como se estruturam os elementos literários e históricos presentes no texto. A análise concentra-se em sua estrutura narrativa, destacando o modo como a autora organiza fatos e personagens por meio de uma linguagem poética característica do cordel.

Nesse contexto, são examinados os recursos estilísticos que contribuem para a construção de uma narrativa marcada pela oralidade e pela valorização da memória popular. Além disso, identificam-se os elementos históricos presentes no texto, estabelecendo relações com a cultura e a identidade tocantinense.

Por fim, discute-se o potencial da obra como recurso pedagógico, considerando sua capacidade de contribuir para a transmissão de conhecimentos históricos e para o fortalecimento da identidade cultural no contexto educacional.

Nesta seção, em diálogo com a obra analisada, são incorporadas contribuições de outros autores acerca da formação histórica do Tocantins. Nesse sentido, apresenta-se um panorama da trajetória da região, desde o período anterior à criação oficial do estado, em 1988, até os principais marcos políticos, econômicos e sociais que contribuíram para a consolidação de sua identidade.

2.1 Análise e descrição da narrativa da epopeia tocantinense

A obra *Epopéia Tocantinense* apresenta-se como uma narrativa em forma de cordel que busca retratar, de maneira poética e acessível, a história do estado do Tocantins. Entretanto, para além de sua função descritiva, é possível compreender a obra como uma construção discursiva que seleciona, organiza e interpreta acontecimentos históricos sob determinada perspectiva. Nesse sentido, a narrativa não apenas informa, mas também produz sentidos sobre o passado, contribuindo para a formação de uma identidade regional baseada na valorização de heróis, lutas políticas e elementos culturais.

Nesse contexto, a obra é marcada pelo resgate de fatos relacionados à formação do povo tocantinense, destacando elementos históricos, culturais e sociais presentes na construção da identidade regional. Dessa forma, a narrativa não apenas descreve acontecimentos, mas também contribui para a produção de sentidos sobre o passado, reforçando determinadas interpretações históricas.

De acordo com a própria autora, “Epopéia Tocantinense foi pesquisa bibliográfica, o livro tem fidelidade histórica, então eu compus os versos a partir de estudos de uma vasta bibliografia, mas os outros infantis foram bebidos na fonte da oralidade” (GALHARDO, 2025, apud CORDEIRO, 2011, p.4. Ao afirmar que sua obra possui base em pesquisa bibliográfica e fidelidade histórica, a autora busca legitimar o caráter verossímil da narrativa. No entanto, é importante destacar que toda produção literária implica processos de seleção e interpretação dos fatos, o que exige uma leitura crítica sobre os limites entre literatura e representação histórica

Nesse sentido, observa-se que a autora articula elementos da história e da cultura popular na construção da narrativa. Entretanto, do ponto de vista crítico, é necessário analisar como esses elementos são representados, especialmente no que se refere aos povos originários, a fim de evitar generalizações e reconhecer a diversidade cultural existente no território tocantinense.

Assim, a partir da análise da narrativa da obra, torna-se necessário contextualizar os elementos históricos nela presentes. A partir da análise da narrativa, compreender a história do Tocantins não se limita a saber que ele foi criado em 1988 pela Constituição. É preciso analisar o estado como parte integrante da história geral do Brasil e também reconhecer as suas especificidades regionais, que o tornam único. O território que hoje forma a história do Tocantins, possui uma longa trajetória, marcada por povos originários, exploração colonial e luta por autonomia. Esses aspectos históricos também se fazem presentes na obra analisada, sendo incorporados à narrativa de forma significativa.

Além disso, esses aspectos históricos, por sua vez, não aparecem de forma isolada, mas são incorporados à narrativa da obra, contribuindo para a construção de sentidos sobre a identidade tocantinense e reforçando o diálogo entre literatura e história

Dessa forma, a autora constrói uma narrativa que articula elementos históricos e literários, utilizando a linguagem do cordel como estratégia de aproximação entre o conteúdo histórico e o leitor.

Inicialmente Galhardo (2025) remete à história do rio Tocantins, destacando que, nos registros oficiais, consta que foram os franceses os responsáveis pela sua descoberta. Embora esteja presente em muitos documentos históricos, exige um olhar crítico sobre o próprio termo, descoberta. Dessa forma, falar em descoberta pressupõe a ideia de que antes da chegada dos europeus nada existia, apagando a presença e a história milenar dos povos originários que habitavam a região.

Considerando esse aspecto, em nota de rodapé, a autora traz uma referência a Rodrigues (2001), que afirma: “os franceses depois e devidamente instalados no forte de São Luís, na costa

maranhense, iniciam a exploração dos sertões do Tocantins em uma expedição chefiada pelo Monsieur de La Blanartier. Coube a eles a descoberta do rio Tocantins pela foz no ano de 1610”. (GALHARDO 2025, p.12). Assim, o enunciado segue a tradição da historiografia oficial, marcada pelo eurocentrismo, ao atribuir aos colonizadores franceses o papel de descobridores do rio Tocantins.

Em seguida, a própria autora, no entanto, imediatamente problematiza essa visão ao afirmar em nota, “ Mas é claro que esta é a versão eurocêntrica, pois na realidade os índios já haviam descoberto o rio há muito tempo” (GALHARDO, 2025, p.12). Dessa forma, a autora denuncia o apagamento histórico dos povos originários e evidencia que os indígenas não só conheciam o rio, mas dele dependiam para sua sobrevivência, cultura e espiritualidade, muito antes da chegada dos franceses.

Do ponto de vista crítico, essa abordagem evidencia a permanência de uma narrativa historiográfica tradicional, centrada na perspectiva eurocêntrica, que atribui aos colonizadores o protagonismo da “descoberta”. Dessa forma, tal construção invisibiliza os povos originários que já habitavam a região e mantinham relações profundas com o território. Assim, a obra, ainda que problematize essa visão em determinados momentos, também reproduz elementos da historiografia oficial, o que exige uma leitura crítica por parte do pesquisador.

No entanto, segundo a Secretaria de Cultura do Estado do Tocantins,

[...] o rio Tocantins se constitui como um dos principais caminhos para o conhecimento e a exploração da região que hoje corresponde ao Estado do Tocantins. Sua nascente localiza-se no Planalto Central de Goiás e, em um percurso de aproximadamente 2.400 quilômetros, corta no sentido sul-norte todo o território tocaninense até desaguar no rio Pará, próximo ao Atlântico. Ao longo da história, o Tocantins não foi apenas uma via de deslocamento e exploração para colonizadores, mas também um espaço de vida, resistência e identidade para inúmeros povos indígenas, comunidades ribeirinhas e quilombolas que, desde tempos imemoriais, estabelecem com o rio relações de sobrevivência, espiritualidade e cultura. (TOCANTINS. Governo do Tocantins. Secretaria da Cultura. Acesso em 22/11/2025).

Nesse contexto, a autora afirma que o estado do Tocantins “é uma fonte de histórias”, (GALHARDO 2025, p.14). Além disso, essas histórias não se apresentam de maneira única, mas como um mosaico plural que revela a diversidade tocaninense. Assim, o estado do Tocantins não pode ser entendido a partir de uma identidade homogênea, mas sim como resultado do encontro e da convivência entre múltiplas identidades.

Contudo, a obra resgata a memória do processo de povoamento do Tocantins, destacando a atuação dos portugueses e, principalmente, dos jesuítas. Nesse sentido, esses missionários tiveram papel fundamental na organização social e religiosa da região. Por meio

da Companhia de Jesus, esses missionários fundaram e administraram importantes arraiais, como São Luiz e Chapada dos Negros, contribuindo para a formação histórica e cultural do território.

Embora a obra valorize o papel, é importante adotar uma leitura crítica desse processo histórico. Isso porque, a presença portuguesa e a atuação missionária não se limitaram à difusão do evangelho, mas também estiveram associadas a práticas de dominação cultural e territorial, que impactaram profundamente as populações indígenas e locais.

Dessa forma, ao narrar o processo de povoamento como um movimento de evangelização e civilização, a autora reproduz, ainda que de forma poética, uma visão tradicional da historiografia brasileira, aquela que tende a exaltar a missão “civilizadora” dos colonizadores, deixando em segundo plano as vozes e resistências dos povos originários.

Nesse sentido, a autora sustenta que foram os portugueses os responsáveis por trazer o evangelho para a região, destacando a atuação dos jesuítas na fundação e administração dos arraiais. No entanto, essa visão revela uma perspectiva eurocêntrica, pois desconsidera as formas de espiritualidade, religiosidade e sabedoria já presentes entre os povos originários e africanos escravizados que se deslocaram para a região.

A partir disso, a valorização da atuação jesuítica pode ser analisada criticamente, uma vez que tende a reproduzir a ideia de “missão civilizadora”, amplamente difundida pela historiografia tradicional. Tal perspectiva desconsidera os impactos da colonização sobre as populações indígenas, incluindo processos de imposição cultural e apagamento de saberes. Assim, torna-se fundamental compreender a evangelização não apenas como ação religiosa, mas também como instrumento de dominação simbólica e territorial.

Antes mesmo da chegada dos colonizadores, os povos indígenas possuíam crenças, rituais e valores que orientavam sua relação com a natureza, o sagrado e a coletividade. Assim, o chamado “trazer o evangelho” significou, na prática, impor uma nova visão de mundo e suprimir as expressões espirituais locais. O evangelho português não reconheceu o “evangelho indígena” — aquele que se manifestava na harmonia com a terra, no respeito aos ancestrais e na força simbólica das tradições orais. Sob essa perspectiva, essa afirmação pode ser analisada criticamente, pois reforça uma narrativa de colonização que valoriza apenas a fé imposta, apagando a riqueza espiritual dos povos que já habitavam essas terras e dos povos que chegaram escravizados por esses mesmos colonizadores, advindos do Continente africano com suas próprias crenças e religiosidades de matrizes africanas.

Outro aspecto relevante refere-se ao trecho que a obra destaca que “até o início do século XVIII a força motivadora da desbravação foi o índio que habitava a região, com seu hábito,

lenda e memória, continuando a fazer parte da história”, (GALHARDO, 2025, p. 19). Nesse sentido, esse trecho revela um importante aspecto da narrativa de Irma Galhardo: o reconhecimento da presença indígena como elemento constitutivo da história e da cultura tocantinense. Entretanto, essa representação pode ser analisada criticamente sob a perspectiva das relações de poder e de memória histórica.

A autora destaca a presença dos povos indígenas na formação do Tocantins. No entanto, percebe-se que essa abordagem ainda se apoia em uma visão generalizante que exige problematização quanto à diversidade dos povos originários

Ao mencionar o indígena como força motivadora da desbravagem, a autora parece reconhecer o protagonismo indígena no processo de ocupação do território; contudo, o uso do termo de forma genérica reforça a necessidade de problematizar essa categoria, substituindo-a por povos indígenas, ou povos originários, termo que valoriza a pluralidade cultural e social dessas populações. Os povos indígenas não foram apenas coadjuvantes ou inspiradores da conquista, mas sujeitos históricos ativos, detentores de saberes, tradições e modos de vida que influenciaram profundamente a formação regional.

No Tocantins, etnias como os Krahô, Xerente, Karajá, Javaé e Apinajé desempenharam papel central na ocupação e preservação do território, transmitindo valores de respeito à natureza e de organização coletiva que permanecem vivos até hoje. Assim, ao reconhecer que suas lendas e memórias “continuam fazendo parte da história” (GALHARDO, 2025, p. 19), a obra abre espaço para um diálogo entre passado e presente, evidenciando a continuidade das culturas indígenas e sua contribuição para a identidade tocantinense.

Nesse contexto, a presença dos povos indígenas na narrativa evidencia seu papel fundamental na formação histórica e cultural do Tocantins. Contudo, observa-se que, em alguns momentos, a obra recorre a uma abordagem generalizante, utilizando termos como “índio”, o que pode reforçar uma visão homogeneizadora dessas populações. Do ponto de vista teórico, é necessário problematizar essa representação, reconhecendo a diversidade étnica, social e cultural dos povos originários, bem como seu protagonismo histórico para além de uma posição secundária na narrativa.

Ainda na obra *Epopéia Tocantinense*, a autora não apenas valoriza a cultura, as lendas e os heróis populares, mas também coloca em evidência lutas políticas que marcaram a formação histórica e social do Tocantins. Nesse sentido, essas lutas aparecem como parte de um processo coletivo de resistência e de busca por reconhecimento, justiça e identidade regional.

Em seu livro, a autora resume de forma contundente o processo histórico da luta pela criação do estado do Tocantins que revelam que a busca pela divisão do estado de Goiás não foi um simples processo burocrático, mas sim um embate intenso envolvendo grandes atores políticos e sociais, múltiplas organizações e até conflitos violentos. Assim, uso da expressão de “até sangue derramado”, que enfatiza o alto custo humano e determinação do povo tocantinense em conquistar sua autonomia.

Historicamente a região de Goiás vivia um sentimento de abandono, falta e representatividade política, o que motivou diversas articulações políticas, manifestações populares e movimentos organizados ao longo de décadas.

Nesse sentido, as diferenças entre o sul e o norte de Goiás, a miséria e o abandono em que se encontrava o Norte e as diferenças identitárias fizeram parte dos argumentos utilizados pelos movimentos autonomistas para justificar a divisão (SILVA, 2010, p.146).

Nessa perspectiva, o autor permite compreender que a divisão do estado foi sustentada por um conjunto de fatores estruturais, nos quais as desigualdades regionais e a ausência de representatividade política desempenharam papel central.

Dessa forma, a luta culminou na emenda constitucional e na criação oficial do estado do Tocantins em 1988. Conforme abordado por MOTTER, (2001 p. 01), em 1989, o Tocantins foi oficialmente criado como unidade federativa do Brasil. Nesse sentido, durante o processo de implantação e estruturação do novo Estado, observou-se que uma das representações mais recorrentes nos discursos veiculados pelo principal periódico de circulação regional dizia respeito à sua recente conquista de autonomia político-administrativa em relação a Goiás. Essa narrativa evidenciava a busca por afirmar a identidade tocantinense e demarcar sua alteridade frente ao Estado-matriz do qual se emancipou.

Assim, essa construção sintetiza o caráter dramático e coletivo da conquista do estado, ressaltando as disputas e sacrifícios que acompanham essa trajetória política e social.

No que se refere a narrativa das lutas pela criação do estado do Tocantins, a autora assume um caráter épico, destacando figuras políticas e eventos históricos como marcos de resistência e conquista. No entanto, essa construção também pode ser analisada como um processo de seleção e valorização de determinados sujeitos históricos em detrimento de outros. Nesse sentido, a obra contribui para a construção de uma memória coletiva que privilegia determinados discursos, reforçando uma identidade regional baseada na ideia de luta, pertencimento e superação

Em relação ao trecho “Anhanguera por aqui passou, o filho também desbravador veio explorar a região, já que o rei permitia exploração mediante pagamento de quinhão. Tal quinhão era o quinto do valor do metal apurado no calor”, (GALHARDO, 2025 p. 17). Observa-se que essa narrativa faz referência direta ao período das expedições bandeirantes e à exploração mineral no território que hoje corresponde ao Estado do Tocantins.

Nesse sentido, observa-se que a autora recupera um momento significativo da história colonial brasileira, em que a figura de Anhanguera¹ simboliza o avanço das frentes de exploração rumo ao interior do país. A menção ao “quinhão”, isto é, ao “quinto” do ouro pago à Coroa portuguesa, remete à estrutura econômica e política do sistema colonial, marcada pela subordinação das atividades produtivas às ordens da metrópole. Nesse sentido, o texto literário evoca o contexto de dependência e exploração que marcou o início da ocupação dessa região, apresentando-o de maneira poética e simbólica, acessível ao leitor popular.

Do ponto de vista histórico-cultural, o trecho reflete a maneira como os processos de colonização, exploração de recursos e ocupação do território foram determinantes para a formação identitária do povo tocantinense. Assim, a lembrança do “Anhanguera” e de seu “filho desbravador” não é apenas uma recordação dos fatos do passado, mas também um símbolo das contradições entre dominação e resistência, que compõem a memória coletiva do estado.

Dando sequência à narrativa, a autora destaca várias étnicas presentes no estado do Tocantins como os Krahô, que remete a elementos centrais da organização social, cultural e espiritual desse grupo indígena, localizado principalmente nos municípios de Goiatins e Itacajá, no estado do Tocantins. “ APINAJÉ” no passado até precisou ser contido, um posto militar foi criado, era guerreiro conhecido...” (GALHARDO, 2025 p. 23). Esse trecho retrata o povo indígena Apinajé, que habita no Norte do atual estado do Tocantins e traz elementos históricos, culturais e simbólicos importantes, fazendo referência ao período de colonização e expansão territorial, quando o contato entre indígenas e não indígenas gerou conflitos e resistência.

Além disso, o uso do termo “conter” revela um olhar histórico da dominação colonial – os Apinajés eram vistos como um obstáculo à ocupação do território, e por isso o estado criou postos militares para controlar ou vigiar os povos indígenas. Portanto, mesmo sendo descrito como “guerreiros conhecidos”, a autora reconhece o orgulho e a força cultural dos Apinajés,

¹ Bartolomeu Bueno da Silva (Santana de Parnaíba, 1672 — Vila Boa de Goiás, 19 de setembro de 1740) foi um bandeirante paulista. O apelido provém de um episódio advindo desta expedição. Acredita-se que, ao retornar do Araguaia, Bartolomeu Bueno da Silva (pai) encontrou-se com índios da tribo dos goiases. Ao avistar as índias ricamente adornadas com chapas de ouro, colocou fogo em uma tigela e ordenou que os indígenas lhe indicassem a procedência do metal, ameaçando atear fogo nos rios e nas fontes. Daí, fora denominado Anhanguera (em tupi, *añã'gwea*, ou seja, diabo velho, alma velha).

que, apesar das tentativas de “contenção”, mantiveram viva sua cultura, língua e tradições. Assim, o trecho, valoriza essa sabedoria tradicional e o respeito pela natureza como parte da identidade indígena tocaninense.

Nesse contexto, a autora ainda destaca o orgulho e a identidade dos Xerentes, quando diz “que é outra gente, que se denomina importante” evidenciando que o próprio povo se reconhece como forte, digno e relevante dentro de sua história e território.

Em continuidade, a autora relata um momento histórico que marca o início da organização política e administrativa do território tocaninense, exaltando Joaquim Teotônio Segurado como precursor da identidade e da autonomia do povo do norte de Goiás. Segurado foi um líder político e defensor da autonomia do norte goiano, sonhando com a criação de uma província independente, o que seria concretizado apenas muitos anos depois, com a criação do estado do Tocantins em 1988. Assim, o poema o apresenta como um símbolo de coragem, liderança e pioneirismo político.

Nesse contexto, ao observar as dificuldades enfrentadas pela população do norte de Goiás, Joaquim Teotônio Segurado convenceu Dom João VI sobre a necessidade de dividir a Província de Goiás em suas partes, para melhorar a administração e o desenvolvimento local. Dessa forma, sua nomeação como ouvidor simboliza o início da luta pela valorização e reconhecimento da região, razão pela qual ele é homenageado hoje na principal avenida de Palmas, como uma forma de reconhecimento à sua luta pela valorização e desenvolvimento da região norte de Goiás que hoje é o estado do Tocantins. É o que nos afirma o portal do Governo do estado.

De acordo com a Secretaria da Cultura do Estado do Tocantins,

Para facilitar a administração, a aplicação da justiça e, principalmente incentivar o povoamento e o desenvolvimento da navegação dos rios Tocantins e Araguaia, o Alvará de 18 de março de 1809 dividiu a Capitania de Goiás em duas comarcas (regiões): a Comarca do Sul e a Comarca do Norte. Esta recebeu o nome de Comarca de São João das Duas Barras, assim como chamaria a vila que, na confluência do Araguaia no Tocantins e mandaria criar com este mesmo nome para ser sua sede. Para nela servir foi nomeado o desembargador Joaquim Theotônio Segurado com seu ouvidor. (TOCANTINS. Secretaria da Cultura. Criação da Comarca do Norte – 1809. Acesso em 01/12/2025).

Nesse sentido, ao mencionar a persistência e a visão estratégica de Teotônio Segurado, figura central na história da formação do norte goiano (hoje Tocantins), afirma que ele “não interrompeu sua trajetória”, (GALHARDO, 2025 p. 33). Assim, o texto evidencia sua continuidade política e administrativa, mesmo diante de desafios, como a necessidade de deslocar a vila-sede.

A partir disso, a fundação da Vila de São João da Palma, em 1815, é colocada como um marco de reorganização territorial e administrativa, reforçando o papel de Segurado na formação identitária e política da região.

Dessa forma, a frase “limite setentrional da Capitania” indica o caráter estratégico da localização, próxima às fronteiras do norte goiano, consolidando o domínio e a presença administrativa naquela área.

Conforme apresentado na obra, a “semente foi plantada” e, a partir desse gesto simbólico, iniciou-se um movimento de articulação e esperança. Nesse contexto, muitos se mobilizaram em prol da separação, conscientes de que apenas com a autonomia a região poderia prosperar. Dessa forma, as dificuldades enfrentadas, a distância dos centros de decisão e o sentimento de pertencimento a uma identidade própria contribuíram para fortalecer o desejo de independência. Assim, com o passar do tempo, tornou-se evidente para a população que não havia outro caminho possível: a emancipação era necessária para que o território se desenvolvesse de forma mais justa, valorizando sua cultura, seu povo e suas potencialidades.

Nesse contexto, o significado do levante organizado por Felipe Antônio Cardoso e o padre Luiz (chamado no poema, de apóstolo da liberdade (que foram líderes que apoiaram o ideal de Teotônio Segurado. Esse “levante” com objetivo de tornar a Comarca do Norte independente de fato e não apenas subordinada ao sul. Essa expressão, citada na obra indica que os líderes queriam agir concretamente, transformar o desejo de autonomia em uma ação política real, porém esse movimento foi interrompido antes de começar não chegando ao fim.

A autora reforça ainda a tentativa frustrada de um movimento de libertação regional em 1821. Assim diz “ Exato um mês depois, Segurado vai adiante e organiza outro levante. Esse sim, bem-sucedido. O manifesto é redigido, criando a província da Palma e sacudindo o julgo da alma. (GALHARDO 2025,p.37). O trecho expressa, de forma poética e engajada, o momento de virada histórica na luta pela autonomia do norte goiano, transformando Teotônio Segurado em um símbolo de coragem, liderança e libertação.

Aqui, o uso de uma linguagem poética e exaltada evidenciando o posicionamento ideológico da construção narrativa que valoriza a figura de Segurado como símbolo da resistência e da construção da identidade tocantinense. Aqui, a autora não se limita a narrar fatos; ela os reinterpreta com emoção e pertencimento, produzindo uma escrita que une memória, história e sentimento.

Identifica-se a seguir um trecho importante, mostrando o fim do primeiro movimento de autonomia do Norte de Goiás e o destino de Joaquim Teotônio Segurado, encerrando esse ciclo histórico que mais tarde inspiraria a criação do estado do Tocantins. Assim, a ausência de

seu líder enfraqueceu completamente o governo provisório do Norte, sendo dissolvido ainda em 1822. (GALHARDO, 2025 p.39)

A autora usa expressões como “teve sua morte” e desarticulação total”, para expressar o fim de um sonho. A autora constrói, assim, uma narrativa em que a história se torna epopeia e a emancipação política se converte em um ato de afirmação do espírito tocaninense.

Em continuidade, a autora enfatiza que a ideia de dividir o Goiás não morreu com Joaquim Teotônio Segurado. Em 1920 José Felipe do Rio deu continuidade à luta pela divisão, mostrando que o sonho da autonomia regional sobreviveu através das gerações. Embora a divisão de Goiás ainda não tenha ocorrido nessa época, a persistência e o idealismo desses líderes mantiveram viva a causa da autonomia do norte goiano.

Nesse contexto, história do Tocantins também foi palco de grandes acontecimentos nacionais. Dessa forma, a passagem da Coluna Prestes por Porto Nacional, a presença de Luiz Carlos Prestes e o registro do Jornal o Libertador simboliza a força das ideias libertárias e a consciência política que já se formava na região. A Coluna Prestes foi um movimento político-militar liderado por Luiz Carlos Prestes, conhecido como o “Cavaleiro da Esperança”. Ela atravessou várias regiões do Brasil entre 1925 e 1927, com o objetivo de protestar contra a corrupção, autoritarismo e as injustiças sociais da primeira República.

Nesse contexto, destaca-se o Memorial Coluna Prestes, localizado em Palmas (TO), a qual contribuiu para o aprofundamento dos conhecimentos acerca da trajetória de Luiz Carlos Prestes e da importância histórica da Coluna Prestes. Em visita ao espaço e o contato com registros históricos, documentos, imagens e materiais informativos que ampliaram a compreensão sobre o movimento e sua repercussão no Tocantins, reforçando a relevância desse episódio para a história regional e nacional. (Ver apêndice C)

Assim, o episódio retratado na obra, reforça a importância do Tocantins como território de resistência, memória e esperança, contribuindo para a identidade histórica e cultural do povo tocaninense. Dessa forma, a autora não se limita a relatar o fato de forma cronológica, mas transforma o episódio em uma memória viva de resistência e esperança. Assim, a narrativa constrói uma junção entre o sagrado e o político, entre a fé e a luta social. Essa escolha estilística dá ao texto um tom de reverência histórica, mostrando que a passagem de Luiz Carlos Prestes pela região não foi apenas um evento militar, mas um símbolo de libertação e coragem.

Em continuidade a autora ressalta ainda que, em 1944, dar-se-á continuidade histórica da luta pela divisão, mostrando que a ideia de criar o estado no norte de Goiás ainda permanecia viva, mesmo mais de cem anos após Teotônio Segurado. Dessa forma, ela resgata a figura do Brigadeiro Lysias Rodrigues, um homem influente e conhecedor profundo do território

brasileiro, que defendia que a divisão territorial não enfraqueceria Goiás, mas fortaleceria ambas as regiões.

No sentido de a expressão “dividir resultava em somar”, a autora usa a fala de Brigadeiro para mostrar que a criação de uma nova unidade administrativa, o futuro Tocantins, não significava separação negativa, mas sim, crescimento e desenvolvimento.

Dividir, nesse sentido, é gesto de multiplicar forças, descentralizar poder e promover justiça territorial. Representa também a visão moderna de progresso, que reconhece as diferenças regionais e valoriza a autonomia local.

No âmbito político, a deputada Almerinda Arantes, citada na obra também buscou contribuir com o movimento, apresentando uma proposta em favor da criação do novo Estado. No entanto, o plebiscito necessário para dar prosseguimento ao processo não chegou a ser realizado, o que acabou deixando sua emenda sem o elo jurídico e político indispensável para efetivar o desmembramento do território goiano.

Nesse sentido, a narrativa afirma como o projeto de criação do Tocantins foi sendo construído por meio de esforços sucessivos, nem sempre concretizados, mas que mantiveram viva a ideia de separação e autogoverno. O “elo que faltava” simboliza tanto o aspecto legal quanto o consenso político necessário para transformar o sonho em realidade.

Nessa perspectiva, a autora também ressalta a CENOG (Comissão Emancipacionista do Norte Goiano) como agente mobilizador nas lutas pela criação do Estado do Tocantins. Nesse sentido, o uso de expressões como “deu bom exemplo” e “abraçar a causa” transmite um tom de reconhecimento e valorização do engajamento coletivo.

Além disso, a referência à criação de um jornal como arsenal é simbólica e poderosa: o termo “arsenal” remete à luta não armada, mas intelectual e política, em que a palavra e a informação se tornaram armas de resistência e de conscientização popular.

Nessa mesma linha de análise, o “Paralelo 13”, citado como “instrumento utilizado”, assume um papel emblemático, tanto por representar a localização geográfica da região quanto por funcionar como símbolo de identidade e pertencimento (GALHARDO, 2025, p. 49). Assim, ao utilizar esse termo em sua obra, a autora o transforma em metáfora da união e da força de um povo que lutava para ser reconhecido.

Conforme apresentado na obra, “Por ocasião da elaboração de uma nova Constituição, a de 1967, vimos um magistrado tomar a decisão e escrever ao presidente Castelo Branco, exigindo categórico e franco que não otimize na solução de tão importante evitar o problema de ordem nacional”. (GALHARDO, 2025, p. 51). Nesse contexto histórico, a autora destaca o período durante o regime militar brasileiro, mais precisamente na elaboração da Constituição

de 1967, durante o governo do presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, o primeiro presidente militar após o golpe de 1964.

Naquele período, o país vivia um período de forte centralização do poder político, o que tornava difícil qualquer proposta de autonomia regional. Ainda assim, a causa do norte goiano continuava sendo defendida, mostrando a persistência e resistência da população local diante das dificuldades políticas.

Nesse sentido, o papel do magistrado é ressaltado com a figura corajosa, que, diante da nova Constituição, decidiu escrever ao presidente, pedindo que considerasse a divisão do estado de Goiás. Dessa forma, sua atitude é descrita como “categórica e franca”, revelando determinação e clareza de propósito, um gesto de coragem em um momento político em que questionar o governo era arriscado. Assim, ao afirmar que o magistrado representa, assim, a voz da justiça e da consciência regional, reforçando o ideal de que a separação do Norte não era apenas um desejo político, mas uma necessidade social e administrativa.

Além disso, afirmar que o magistrado “exigiu categórico e franco que não otimize na solução de tão importante”, a autora sugere que o governo federal vinha adiando ou negligenciando a questão da criação do novo estado. Assim, o trecho assume um tom de cobrança e indignação, pedindo que a liderança nacional não ignorasse a importância do problema, visto como uma “questão de ordem nacional”. Isso reforça a ideia de que a luta pela autonomia do norte goiano era legítima e necessária para o desenvolvimento equilibrado do país.

Dando continuidade à análise, a autora ainda menciona a importância de Dr. Feliciano Braga, juiz de direito e figura de grande relevância na trajetória emancipacionista do norte goiano. Nesse contexto, ao criar a bandeira e o hino, segundo a autora, ele deu forma simbólica ao sentimento de identidade e de autonomia que mobilizava o povo da região. Esses símbolos representavam não apenas um ideal político, mas também a esperança de reconhecimento e pertencimento de uma população historicamente esquecida. Dessa forma, sua atuação firme e comprometida quase mudou o destino da região, pois chegou a exercer a função de juiz de direito na nova comarca que ajudou a criar, demonstrando o quanto o movimento pela separação já possuía estrutura e organização.

Assim, a narrativa ressalta, assim, que o esforço de Feliciano Braga foi além do discurso: ele transformou o ideal em ação concreta, aproximando o sonho da realidade. No entanto, mesmo sem a efetivação imediata da separação, sua liderança simboliza a persistência e a visão de futuro que marcaram a luta pela criação do Estado do Tocantins. Mesmo tratando de um fato político e jurídico, a autora o transforma em ato poético e simbólico de coragem. Ela valoriza

a figura do magistrado como herói cívico, alguém que fala em nome do povo e enfrenta o poder com dignidade e razão. Mostrando que, mesmo durante o regime militar, um tempo de censura e repressão, a luta pela criação do Estado do Tocantins continuou viva. O magistrado citado pela autora simboliza a persistência da causa tocantinense e o comprometimento de homens públicos que não desistiram de defender a divisão do estado como forma de justiça e desenvolvimento regional.

Sob outra perspectiva a autora expressa uma reflexão sobre a memória e o esquecimento dos acontecimentos traumáticos da história brasileira. Ao afirmar que “das coisas tristes não devemos lembrar, mas só registrar”, há um contraste entre o desejo de não reviver a dor e a necessidade de manter viva a memória histórica, para que os erros do passado não se repitam.

Nesse contexto, a referência à Guerrilha do Araguaia, movimento de resistência armado contra a ditadura militar (ocorrido entre o final dos anos 1960 e meados de 1970, na região do Bico do Papagaio, norte do atual Tocantins), evoca um período marcado por repressão, desaparecimentos e violência do Estado. A frase “onde jovens cheios de ideias saíram de suas casas e não voltaram mais” tem um tom profundamente humano, lembrando que por trás dos fatos históricos existiam vidas, esperanças e ideais de justiça e liberdade.

Colaborando com essa perspectiva, (CASTRO, 2000) aponta no documentário Guerrilha do Araguaia – As faces ocultas da história, é destacado como a Guerrilha do Araguaia,² deixou marcas profundas na história brasileira e do nosso estado. Nesse sentido, muitos jovens idealistas, que acreditavam na construção de um país mais justo e igualitário, partiram para a luta e nunca mais voltaram, vítimas da repressão e do silêncio imposto pelo regime militar. Trata-se de um episódio doloroso, mas fundamental para compreender o valor da memória, da liberdade e da luta pela democracia no Brasil contemporâneo.

Do ponto de vista analítico, a guerrilha brasileira pode ser compreendida como expressão de um período histórico marcado por radicalizações mútuas: de um lado, o Estado que institucionalizou o terror como política de governo; de outro, grupos que, diante da ausência de vias democráticas, adotaram estratégias de confronto armado. Embora não tenham alcançado seus objetivos revolucionários, essas experiências deixaram marcas profundas na memória

² Guerrilha do Araguaia foi um movimento guerrilheiro existente na região amazônica brasileira, ao longo do rio Araguaia, entre fins da década de 1960 e a primeira metade da década de 1970. Criada pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B), tinha por objetivo fazer o enfrentamento à Ditadura Militar instaurada no país com o Golpe Militar de 1964, bem como, fomentar uma possível revolução socialista, a ser iniciada no campo, baseada nas experiências vitoriosas da Revolução Cubana e da Revolução Chinesa. Seu nome vem do fato de se localizar às margens do rio Araguaia, próximo às cidades de São Geraldo do Araguaia e Marabá no Pará e de Xambioá, no norte de Goiás (região onde atualmente é o norte do estado de Tocantins, também denominada como Bico do Papagaio)

política do país, evidenciando tanto os limites da luta armada quanto a violência extrema exercida pelo Estado. A guerrilha, portanto, não pode ser vista apenas como ação isolada de grupos radicais, mas como produto de uma conjuntura histórica que restringiu a democracia a tal ponto que muitos acreditaram que a transformação social só seria possível por meio das armas.

Dando continuidade, a autora mostra a fase final da luta política e intelectual pela criação do estado do Tocantins, quando a causa deixou de ser apenas uma reivindicação histórica e passou a ser um movimento organizado e fundamentado em estudos sociais, econômicos e políticos.

Nesse contexto, a chamada Carta do Tocantins, (p.54) destacado de forma poética pela autora foi um documento político e técnico, elaborado por lideranças da região, que apresentava argumentos socioeconômicos e geográficos mostrando a necessidade de criar o estado para promover o desenvolvimento e representatividade local. Além disso, ao destacar que a carta continha uma análise socioeconômica da região, a autora evidencia que o movimento não era apenas emocional ou simbólico, mas baseado em dados concretos, como a falta de infraestrutura, a desigualdade econômica e a distância da administração central de Goiás. Assim, o documento contribuiu para a conscientização política da população, fortalecendo a busca por representação justa.

Antes disso, o papel do congresso revela que a elaboração da Carta do Tocantins foi precedida por encontros e debates entre lideranças políticas, intelectuais e civis da região. Nesse sentido, esses encontros discutiram a realidade econômica, social e cultural do norte goiano, constituindo o ponto de partida para a formulação de uma proposta estruturada de emancipação

Ainda nesse contexto, a obra *Epopéia Tocantinense* de Irma Galhardo ainda revela um importante marco político e social no processo de criação do Estado do Tocantins. Dessa forma, A CONORTE (Comissão de Estudos dos Problemas do Norte Goiano) que foi um movimento articulador simbolizou a união de lideranças políticas, intelectuais e populares em torno da luta pela emancipação do norte de Goiás, região historicamente marginalizada em termos econômicos e administrativos. Assim, ao afirmar que “reunia todas as forças em prol de um objetivo comum”, o texto destaca o espírito coletivo e o sentimento de pertencimento regional, que foram fundamentais para fortalecer o ideal de autonomia.

Além disso, a referência à “famosa emenda popular” reforça o papel da mobilização cidadã e da pressão popular no campo político, demonstrando que a criação do Tocantins não foi apenas uma decisão governamental, mas o resultado de uma luta democrática e participativa. Do ponto de vista crítico, o trecho evidencia como a CONORTE foi o elo articulador entre a

população e o poder político, tornando-se símbolo da resistência e da construção de uma nova identidade territorial e cultural.

Criticamente, o texto valoriza a ação organizada e a consciência política coletiva, apresentando a CONORTE como um exemplo de como o engajamento social pode transformar realidades regionais e influenciar decisões nacionais.

Nessa mesma perspectiva, os versos da obra *Epopéia Tocantinense*, de Irmã Galhardo retratam com intensidade poética e simbólica a trajetória de luta e emancipação que deu origem ao Estado do Tocantins. A “emenda popular” é descrita na página 56 como um marco de reforço à causa tocaninense, simbolizando o poder da mobilização cidadã, as oitenta mil assinaturas que expressaram o desejo concreto de um povo por autonomia e reconhecimento. Dessa forma, esse número representa não apenas um dado quantitativo, mas um ato político de afirmação identitária, em que a população nortense se organizou em torno de um ideal comum: criar um Estado próprio, que respeitasse suas especificidades culturais, econômicas e geográficas.

A menção à CONORTE e ao Comitê Pró-Criação reforça a ideia de união e cooperação entre diferentes setores da sociedade, mostrando que o Tocantins nasceu do esforço conjunto de lideranças políticas, movimentos sociais e cidadãos comuns. Ao mencionar “assim o Estado surgia já que o povo nortense queria” sintetiza a legitimidade popular do processo, destacando que o novo Estado foi fruto da vontade coletiva e não apenas de decisões políticas centralizadas.

Assim, a autora evidencia que a luta pela criação do Tocantins não se restringia apenas a interesses políticos ou administrativos, mas refletia um desejo coletivo da população do norte goiano, historicamente marcada por desigualdades regionais, abandono estatal e distanciamento do poder central. Nesse sentido, o reconhecimento público por parte da autoridade máxima do Estado de Goiás representa um marco simbólico, pois legitima as reivindicações populares e enfraquece possíveis contestações ao movimento emancipacionista.

Além disso, a declaração de Henrique Santillo revela uma mudança no cenário político da época, indicando que a criação do Tocantins já se configurava como uma realidade iminente. Dessa forma, ao reconhecer a soberania da vontade popular, o discurso reforça a ideia de que a formação do novo estado foi resultado de um processo histórico construído a partir da mobilização social, do sentimento de pertencimento regional e da busca por autonomia política e administrativa.

Nesse contexto, a figura de Siqueira Campos é apresentada como a personificação da luta pela emancipação, alguém que dedicou dezoito anos de sua vida à causa, enfrentando prisões, repressões e até fazendo greve de fome. Assim, sua trajetória é narrada com tom épico,

simbolizando a coragem e a persistência de um líder que se tornou ícone do movimento emancipatório.

A partir disso o trecho carrega uma forte carga simbólica e emocional: exalta a força popular, a resistência política e o ideal de justiça social que motivaram a criação do Tocantins. Em termos críticos, ele revela a dimensão política e heroica do processo, ao mesmo tempo em que expressa o sentimento de orgulho e pertencimento do povo tocantinense, que transformou a utopia em realidade por meio da luta democrática e participativa.

Assim, a autora representa o desfecho triunfante da luta pela criação do Tocantins. Após séculos de resistência e esquecimento, a voz do povo no norte goiano finalmente foi ouvida e reconhecida em 1988 pela constituição de 5 de outubro de 1988 e instalado em 1º de janeiro de 1989. “Podendo colher os louros da vitória”, essa expressão remete a recompensa merecida por todos os que, desde Joaquim Teotônio Segurado (1821) que lutaram pela independência administrativa e política da região norte de Goiás.

De acordo com o site do Governo do estado do Tocantins,

[...] o 18 de março foi, oficialmente, considerado o Dia da Autonomia pela lei 960 de 17 de março de 1998, por ser a data da criação da Comarca do Norte, estabelecida como marco inicial da luta pela emancipação do Estado” O povo tocantinense finalmente colhe os frutos de sua persistência e coragem, transformando a antiga aspiração em vitória concreta (TOCANTINS, Secretaria da cultura. Acesso em 01/02/2025).

Nesse sentido, o reconhecimento oficial dessa data reforça a importância histórica do processo emancipatório, evidenciando que a criação do Estado do Tocantins foi resultado de uma longa trajetória de lutas, mobilização social e afirmação identitária

Nesse sentido, a autora representa o ato de afirmação da identidade, quando diz: “Estado cravou sua bandeira”, esse momento em que o novo estado estabelece, com bandeira, governo e autonomia própria. Assim, cravar a bandeira significa tomar posse da própria história, demarcar o território e consolidar a independência administrativa. É o gesto simbólico que encerra a narrativa e marca o nascimento do Tocantins como entidade política e cultural autônoma.

A parti desse contexto, como descrito no topo do brasão do estado do Tocantins, a autora descreve ainda “a luta gravou o recado CO YVY ORE RETAMA, o povo nortense reclama, e contra um clamor coletivo nada e ninguém que possa, pudemos bradar com orgulho: ESTA TERRA É NOSSA” expressam de forma poética e poderosa o sentimento de pertencimento e resistência do povo tocantinense. Assim, a expressão em guarani “CO YVY ORE RETAMA”, que significa “Esta terra é nossa”, reforça o elo entre o território e sua gente, evocando não

apenas a luta política pela emancipação, mas também a ancestralidade indígena e a herança cultural que compõem a identidade regional.

Além disso, a autora utiliza aqui a força da linguagem simbólica para transformar o ato de reivindicação em um grito coletivo de afirmação. O “recado gravado pela luta” sugere que a história não se faz apenas por decretos ou documentos, mas por vozes, memórias e resistências que ficam marcadas na terra e nas pessoas. O trecho também destaca a dimensão coletiva do movimento emancipacionista: não foi obra de um indivíduo isolado, mas resultado da união de um povo que acreditava em seu direito à autonomia e ao reconhecimento.

Do ponto de vista crítico, esses versos cumprem a função central da Epopeia Tocantinense: transformar a narrativa histórica em poesia e a luta política em mito fundacional. Ao empregar o idioma guarani, a autora reafirma a pluralidade cultural do Tocantins e tenta conferir legitimidade simbólica à luta pela terra e pela identidade. Entretanto, é importante notar que essa exaltação poética tende a idealizar o processo, apresentando-o como unanimemente harmonioso e consensual; e sabemos historicamente, que não foi bem assim. Ainda assim, o impacto literário e pedagógico do trecho é inegável, ele desperta orgulho, reforça o sentimento de pertencimento e convida à reflexão sobre a força do povo como protagonista da própria história.

A seguir, observa-se o brasão do Estado do Tocantins, bem como a descrição dos elementos que compõem sua simbologia.

Figura 1 – Brasão do estado do Tocantins



Fonte: <https://central.to.gov.br/download/323621> (Acesso em 05/janeiro/2025)

Conforme ilustrado na Figura 1, o brasão do estado do Tocantins representa elementos simbólicos que expressam a identidade histórica, cultural e política do estado. No brasão do estado destaca a mensagem principal decifrada através da frase CO YVY ORE RETAMA, que significa, em tupi guarani: ESTA TERRA É NOSSA. O brasão do Tocantins também traz em evidência a data de instalação do Estado: 1º de janeiro de 1989. Desse modo, cada elemento da sua composição traz um significado: os ramos que crescem nos dois lados do Brasão representam nossas riquezas naturais. As duas faixas azuis direcionadas para o alto, dentro da figura ovalar do Brasão, representam os dois rios tocantinenses: Tocantins e Araguaia. Os elementos em branco, juntamente com o sol amarelo-ouro sobre um fundo azul, compõem a mensagem que transmite a certeza de um futuro iluminado. A faixa amarela, abaixo das faixas azuis, significa as riquezas minerais do Tocantins.

Ainda sobre a criação do estado, (GALHARDO, 2025) retrata a culminância da criação do Tocantins, um acontecimento que une a lei, justiça e emoção popular.³ Nesse sentido, ela celebra o ato constitucional de 1988, como marco libertador, mas também como fechamento de uma longa trajetória de opressão e luta. Embora a criação do estado represente uma conquista, também carrega as lembranças das lutas e das lideranças que ficaram pelo caminho.

Ainda, a constituição de 1988 já havia criado legalmente o estado do Tocantins, mas era preciso cumprir os procedimentos legais formais, eleições, posse e instalação para que o estado passasse a existir efetivamente. Além disso, a autora mostra que a criação de uma identidade

³ Artigo 13 – ADCT/1988 – É criado o estado do Tocantins, pelo desmembramento da área descrita neste artigo, dando-se sua instalação no quadragésimo sexto dia após a eleição prevista no § 3º, mas não antes de 1º de janeiro de 1989

política não se resume a lei escrita, mas depende da ação humana e da vontade popular. “Cumprir o artigo da Constituição, que dava sua instalação para 46º dia após eleição prevista”, demonstrando o rigor documental e histórico da obra de Irma Galhardo. Desse modo, ela cita de forma precisa a disposição constitucional que determina o prazo para a instalação do novo estado. Além disso, a autora faz alusão a José Wilson Siqueira Campos primeiro governador do Tocantins e principal articulador político desta última fase ou tentativa de criação do estado. Assim, ao chama-lo de “pioneiro”, a autora reconhece sua liderança e protagonismo neste processo recente, pois foi sob seu comando que se reiniciou a organização institucional e simbólica do novo território, desde a escolha de Palmas como Capital, até a consolidação administrativa.

Nesse sentido, o cântico da vitória do povo nortista é marcado com uma escrita poética da autora, com triunfo simbolizando um novo amanhecer político e social. Aqui, a autora sintetiza toda a trajetória histórica narrada desde o início da obra, recorrendo a imagética da luz e do brilho, trazendo um tom afetoso e de pertencimento, revelando o orgulho regional e a identidade construída ao longo do tempo.

Desse modo, a obra *Epopéia Tocantinense*, dá sequência aos acontecimentos de forma poética, o trecho “Já no ano seguinte o Tocantins publicou sua própria Constituição, 139 municípios, direitos e garantias para todo cidadão” (GALHARDO 2025, p.68). Ou seja, a obra marca um momento histórico decisivo na consolidação do Estado recém-criado. Isso porque, após a conquista da autonomia política, a promulgação da Constituição Estadual simboliza o início de uma nova fase: a da organização jurídica, administrativa e social do Tocantins. Desse modo a autora, resume nesse verso a concretização do sonho coletivo que moveu gerações, o sonho de ver o Norte goiano transformado em um Estado soberano, com leis próprias e voltado para o bem-estar de seu povo.

Dessa forma, o verso carrega o tom celebrativo característico da *Epopéia Tocantinense*, funcionando como o desfecho natural de uma trajetória de lutas, esperanças e conquistas. Ainda, a referência aos “139 municípios” reforça a amplitude da emancipação e a diversidade que compõe o território tocantinense, enquanto a menção aos “direitos e garantias para todo cidadão” indica a transição da luta pela autonomia para a busca por justiça social, igualdade e cidadania plena.

A seguir, apresentam-se imagens que evidenciam a configuração territorial do Estado de Goiás antes do movimento separatista e depois da criação do Estado do Tocantins

Figura 2 –Estado de Goiás / Tocantins (antes da constituição de 1988). Mapa político do estado de Goiás de 1969, que demonstrava a dimensão territorial da unidade federativa.



Fonte: <https://geosimposiounifal.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/09/lucasbit.pdf> (2019). Acesso em 05/abril/2025

Figura 3 – Mapa do estado do Tocantins (após o 1988)



Fonte: www.istockphoto.com (acesso em 05/janeiro/2025)

Dessa forma, ao comparar as Figuras 2 e 3, é possível compreender as transformações territoriais que resultaram na criação do estado do Tocantins, evidenciando o processo histórico de divisão do antigo território goiano.

Portanto, a obra *Epopéia tocaninense* nesse sentido, mostra a passagem da narrativa épica para o registro histórico: a história que começou com batalhas simbólicas e resistência popular, culmina na institucionalização da liberdade conquistada. Contudo, a aparente harmonia do verso também pode ser lida como uma idealização a Constituição, embora marco de conquista, não garante por si só a efetivação de direitos, que dependem de políticas públicas e do compromisso social com a equidade. Ainda assim, ao registrar esse momento com entusiasmo poético, Galhardo reafirma o espírito de vitória e esperança que caracteriza a identidade tocaninense e celebra a fundação de um Estado que nasceu do clamor de seu povo.

Outro aspecto relevante, refere-se à cidade de Miracema, destacando como a primeira capital do Tocantins. Isto porque, ao descrever Miracema como “uma certa cidade com quase século de idade, famosa e de nome poético, popularizada em música de maneira original”, destaca-se que a cidade de Miracema do Tocantins ficou famosa em todo o Brasil por ser mencionada indiretamente (embora aparentemente diretamente), na música “*A Dois Passos do Paraíso*”, da banda Blitz, um dos maiores sucessos do rock nacional dos anos 1980.

Visto que, na letra, há um trecho narrado como se fosse uma cena de programa de rádio romântico, no qual o locutor lê a carta de uma ouvinte chamada Mariposa Apaixonada de Guadalupe. Ela conta sua triste história de amor, dizendo que seu noivo, Arlindo Orlando, um caminhoneiro, desapareceu e era “da pequena e pacata cidade de Miracema do Norte”. Considerando que, quando a música foi lançada, a cidade ainda se chamava Miracema do Norte⁴, pois o Estado do Tocantins ainda não havia sido criado (isso só ocorreu em 1988). Entretanto, com a emancipação do Tocantins, o nome passou a ser Miracema do Tocantins e a cidade se tornou a primeira capital provisória do novo estado.

Assim, a canção acabou se tornando uma marca na história e na identidade local, pois ajudou a colocar Miracema no mapa cultural do Brasil. Até hoje, muitos brasileiros lembram o nome da cidade por causa desse sucesso musical.

Vejamos toda a letra poética dessa música e sua relação indireta com a Cidade, referenciada na obra de Irma Galhardo:

⁴ Entretanto, muitos anos depois (portanto, recentemente), a banda, em programa televisivo nacional - <https://globoplay.globo.com/v/8166217/> (Evandro Mesquita conta curiosidade sobre música da Blitz), a banda ao ser entrevistada pelo programa das cantoras Maiara e Maraísa revelou a verdade sobre a origem da música. Veja você mesma leitora ou leitor que interessantíssimo.

A Dois Passos do Paraíso
Evandro Mesquita

*Longe de casa
Há mais de uma semana
Milhas e milhas distante
Do meu amor
Será que ela está me esperando
Eu fico aqui sonhando
Voando alto, perto do céu
Eu saio de noite andando sozinho
Eu vou entrando em qualquer barra
Eu faço meu caminho
O rádio toca uma canção
Que me faz lembrar você, eu
Eu fico louco de emoção
E já não sei o que vou fazer
Estou a dois passos do paraíso
Não sei se vou voltar
Estou a dois passos do paraíso
Talvez eu fique, eu fique por lá
Estou a dois passos do paraíso
Não sei por que eu fui dizer bye bye
Bye bye, baby, bye bye
A rádioatividade leva até vocês
Mais um programa da série a série:
“Dedique uma canção a quem você ama”
Eu tenho aqui em minhas mãos uma carta
Uma carta d'uma ouvinte que nos escreve
E assina com o singelo pseudônimo de
“Mariposa apaixonada de Guadalupe”
Ela nos conta que no dia que seria
O dia do dia mais feliz de sua vida
Arlindo Orlando, seu noivo
Um caminhoneiro conhecido da pequena
E pacata cidade de Miracema do norte
Fugiu, desapareceu, escafedeu-se
Oh! Arlindo Orlando, volte
Onde quer que você se encontre
Volte para o seio de sua amada
Ela espera ver aquele caminhão voltando
De faróis baixos e para-choque duro
Agora uma canção canta pra mim
Eu não quero ver você triste assim
Estou a dois passos do paraíso
E meu amor, vou te buscar
Estou a dois passos do paraíso
E nunca mais vou te deixar
Estou a dois passos do paraíso
Não sei porque eu fui dizer bye bye*

Fonte: letras.mus.br

Diante disso, autora confere à cidade uma dimensão simbólica que vai além da escolha política e administrativa. Miracema é apresentada como um lugar de memória, tradição e identidade, cuja história já estava enraizada no imaginário popular antes mesmo da criação do Estado.

Segundo Vasconcelos (1991),

A surpresa deste acontecimento foi muito grande e tamanha foi a alegria, que a cidade toda vibrou nas ruas. Nem mesmo a chuva que houve naquela noite foi capaz de interromper a festa e de ofuscar a satisfação no rosto das pessoas. Posso até afirmar, que nestes anos todos de residência aqui, para mim, foi a maior concentração popular já vista, num ambiente de confraternização e alegria. (VASCONCELOS, 1991, p. 38).

É possível observar que, ao ser escolhida como sede provisória do governo, Miracema se torna o elo entre o passado e o futuro do Tocantins. O autor evidencia a intensidade do impacto social provocado pelo acontecimento narrado, destacando-o como um marco de grande relevância para a comunidade. Ao descrever que “a cidade toda vibrou nas ruas” e que nem mesmo a chuva foi capaz de interromper a celebração, o autor enfatiza o envolvimento coletivo e o entusiasmo popular, revelando um sentimento de pertencimento e união entre os moradores. Além disso, ao afirmar que foi “a maior concentração popular já vista”, o narrador reforça o caráter extraordinário do evento, conferindo-lhe um lugar de destaque na memória local. Desse modo, o trecho não apenas relata um fato, mas também valoriza a dimensão afetiva e simbólica da experiência, evidenciando a alegria compartilhada e a importância desse momento para a identidade da comunidade

Nessa perspectiva, esse mesmo acontecimento é ressignificado na obra de Galhardo (2025), cujo tom lírico transforma a escolha de Miracema em uma homenagem às origens do povo tocaninense, valorizando a cidade que abrigou os primeiros passos da nova unidade federativa. Além disso, a autora não apenas registra um fato histórico, mas o reveste de emoção e pertencimento, reforçando a ideia de que a capital inicial representava o coração simbólico do novo Estado, o ponto de partida de um sonho coletivo que não se tornaria realidade como Capital, mas como parte importante da história do estado.

Sob essa perspectiva, os versos também demonstram o compromisso da Epopeia Tocantinense em preservar e exaltar a memória regional. É possível observar que a narrativa de Galhardo combina poesia e história, dando voz à emoção do povo e transformando a criação do Tocantins em um relato épico e identitário. Assim, ao destacar Miracema, a autora reconhece o papel da cidade como berço administrativo e cultural, símbolo de um tempo de transição e

esperança. Assim, o trecho reforça a importância da literatura como instrumento de valorização da história local, celebrando a luta, a cultura e a memória do povo que construiu o Tocantins.

No que se refere a, “Depois, distante, perdida entre as serras como um ninho escondido na mata, nasceu Palmas, joia esculpida, capital que parece encantada, terra de todos nós, onde abundam os girassóis e que mora um povo feliz bem no centro geodésico do país. (GALHARDO, 2025 p. 70).

Observa-se que a autora destaca em seus versos sobre a criação de Palmas como Capital, a riqueza em imagens simbólicas que expressam beleza, esperança e identidade. “Perdida entre as serras como um ninho escondido na mata” - Verso extraído do Valsa de Correntina, de autoria de Teófilo Guerra. Desse modo, Galhardo, (2025) faz uma releitura simbólica ao incorporar uma expressão já existente na literatura regional do município de Correntina, na Bahia (sua terra natal), o que demonstra a valorização das raízes culturais do Norte e do Cerrado. Assim, o verso não se configura apenas como uma descrição geográfica, mas também como um símbolo da continuidade da tradição poética tocantinense, isto porque a autora utiliza uma metáfora delicada para representar o nascimento de Palmas, uma cidade jovem, ainda isolada, mas cheia de potencial e vida, como um “ninho” que abriga o novo. Além disso, essa imagem também sugere proteção e naturalidade, relacionando a fundação da cidade à própria natureza tocantinense. “Joia esculpida, capital que parece encantada”: Assim, A palavra joia reforça o valor precioso de Palmas, enquanto encantada evoca um tom mágico, de sonho realizado, uma cidade planejada, símbolo da esperança de um novo começo para o Estado do Tocantins.

Em outras palavras, no Sentido histórico e identitário, a fundação de Palmas (1989) representa o marco da autonomia tocantinense após a criação do estado. Ao chamá-la de terra de todos nós, a autora reforça o ideal de pertencimento coletivo, unindo o povo em torno de uma identidade comum. Desse modo, a cidade é vista não apenas como capital administrativa, mas como símbolo de unidade, progresso e renovação. Segundo Lima, 2021. “... a capital resgata em sua história a luta pela criação do Estado do Tocantins”. Assim, a construção de Palmas passa, portanto, a carregar um significado simbólico, pois materializa a vitória desse movimento histórico e reforça a identidade política e cultural do povo tocantinense.

Diante disso, a autora ainda destaca os elementos da natureza como símbolos culturais, como os Girassóis, que representa abundância, alegria e resistência, características marcantes do povo tocantinense. O girassol segue o sol, o que pode ser interpretado como uma metáfora para a busca de luz, de futuro e de esperança.

Nessa perspectiva, o Centro geodésico do país, esse elemento geográfico é usado poeticamente para enfatizar que o Tocantins está no “coração” do Brasil. Assim, Palmas é retratada como o ponto de equilíbrio entre o norte e o sul, o passado e o futuro.

Desse modo, o Centro Geodésico do Brasil é apresentado como um marco simbólico importante, representado no centro da Rosa dos Ventos, desenhada na entrada norte do Palácio Araguaia. Além disso, o símbolo incorpora referências às etnias indígenas do Tocantins, as quais enriquecem sua composição estética e conferem maior valor cultural à sua assimetria, evidenciando a diversidade e a identidade histórica da região. (Ver apêndice B)

Outro aspecto relevante é o uso de expressões como “terra de todos nós” e “mora um povo feliz” que revela o tom emocional da obra. A autora escreve com orgulho e ternura, transformando a descrição da capital em uma declaração de amor ao Tocantins e ao seu povo.

Assim, a autora expressa orgulho e admiração pela terra tocaninense: “Tanta riqueza existe cá, é coisa até de orgulhar”. O pronome “cá”, de uso popular e regional, aproxima a autora do povo e do modo de falar tocaninense, criando uma voz coletiva e identitária. Esse tom revela um sentimento de pertencimento e valorização do lugar, características marcantes da poesia regional. No entanto, a “riqueza” citada não se refere apenas aos recursos naturais, mas também à cultura, história, tradições e ao povo do Tocantins.

Quando a autora diz que vai “falar somente daquilo que não dá pra resistir”, ela demonstra que quer destacar o que é mais belo, forte e significativo no Tocantins. Em outras palavras, esse verso revela uma seleção afetiva: a poeta escolhe não narrar tudo, mas sim aquilo que desperta paixão, emoção e encantamento.

Além disso, O Rio Azuis, citado em sua obra é localizado no município de Aurora do Tocantins, é um símbolo dessa riqueza, com 147 metros em extensão, mas enorme em encanto. Além disso, ao inserir uma nota de rodapé para atualizar a informação (menor da América Latina e terceiro menor do mundo), aqui, a autora mostra rigor e cuidado didático, o que revela o caráter pedagógico e documental da obra. Sua intenção não é apenas emocionar, mas também ensinar e valorizar o conhecimento local.

Acrescenta-se ainda que, mesmo pequeno, o rio é apresentado como motivo de orgulho, uma lição simbólica de que o valor não está no tamanho, mas na essência e na beleza. Assim, essa ideia reflete também o próprio Tocantins: um estado jovem, muitas vezes visto como pequeno ou recente, mas que carrega uma força cultural e natural grandiosa, tornando-se uma metáfora do próprio povo tocaninense, simples, mas extraordinário; discreto, mas essencial.

Dessa forma, a autora também transforma Taquaruçu, distrito de Palmas, em um verdadeiro símbolo de harmonia entre natureza e história. O verso citado na página 74 de sua obra, abre com a palavra “paradisíaco”, que já indica um tom de encantamento e admiração. Nesse sentido, Galhardo (2025) descreve Taquaruçu como um espaço de beleza quase celestial, cercado por serras, cachoeiras e matas, elementos que caracterizam o distrito como um refúgio natural e espiritual dentro do Tocantins.

Ainda, a menção aos “festivais” e à “gastronomia” traz a dimensão cultural e social, lembrando que Taquaruçu é palco de eventos que valorizam a arte, a culinária e a sustentabilidade, um exemplo real de como o Tocantins celebra suas tradições e sua modernidade.

Além disso, em nota de rodapé, a autora afirma que, “A instalação de Palmas foi possível porque Taquaruçu, que já era município emancipado, cedeu seus direitos políticos-administrativos ao município de Palmas. Com tal decisão Taquaruçu do Porto transformou-se distrito de Palmas”. (GALHARDO 2025, p.74)

Nesse sentido, ao mencionar a transferência de direitos de Taquaruçu, a autora evidencia as negociações institucionais que marcaram a formação de Palmas, revelando que sua instalação não ocorreu de forma espontânea, mas a partir de decisões políticas estruturadas.

Em continuidade, a autora ainda destaca o paradisíaco Taquaruçu, distrito cercado por serras e repleto de cachoeiras em cascata, encanta pela gastronomia, pelos festivais e pela harmonia entre natureza e cultura. Com quase cinco mil habitantes, segundo o IBGE (2010), Taquaruçu, foi criado pela lei estadual de Goiás nº 10.419 de 1º de janeiro de 1988, sob a categoria de município e com o nome de Taquarassu do Porto (instalado em 1º de junho de 1989). Contudo, pela resolução nº 28 de 29 de dezembro de 1989, o município passou a pertencer à cidade de Palmas, criada pelo mesmo decreto, sob a condição de. “Hoje, Taquaruçu permanece como um refúgio de beleza em história, guardando em suas paisagens e tradições o equilíbrio tão sonhado entre o urbano e o natural”. (TOCANTINS. Palmas.to.gov. Acesso em 09/01/2026).

Sob essa perspectiva, a autora traz um trecho rico em sua obra, destacando em sua narrativa poética, histórica e simbólica sobre a origem e resistência do povo tocaninense, especialmente das comunidades negras do interior. A “comunidade Negra da Barra da Aroeira” é uma comunidade quilombola, localizada em Santa Tereza do Tocantins, reconhecida oficialmente como remanescente de quilombo. Aqui, a autora estabelece o tom de valorização da cultura afrodescendente e do legado histórico das populações negras na formação do estado do Tocantins, fazendo uma ligação da história local à história nacional, mostrando que o

Tocantins também é palco de heranças das grandes lutas do Brasil. “Remanescente de guerra” sugere que essa comunidade nasceu das consequências da Guerra do Paraguai (1864–1870), quando muitos soldados pobres e negros permaneceram nas regiões onde foram assentados após o conflito. “Em Santa Tereza” dá ao verso um caráter geográfico e identitário, localizando a memória coletiva num território concreto.

Nesse contexto, a Comunidade Quilombola Barra da Aroeira, localizada no município de Santa Tereza do Tocantins, representa um dos marcos mais significativos da presença e resistência negra no estado. Formada por cerca de 150 famílias descendentes de africanos escravizados, a comunidade ocupa uma área aproximada de mil hectares, preservando tradições culturais, vínculos comunitários e modos de vida herdados de seus antepassados. Sua origem remonta à trajetória de Félix José Rodrigues e Venância Rodrigues, casal que vivia em um quilombo no sul do Piauí e migrou para o Tocantins após a Guerra do Paraguai (1864-1870).

Segundo o portal da Defensoria Pública do Estado do Tocantins (DPE-TO), Félix José alistou-se no Exército em 1867, com o objetivo de conquistar sua alforria, condição concedida aos homens negros que se ofereciam para lutar pelo Império. Portanto, em reconhecimento à sua participação no conflito, ele recebeu do imperador Dom Pedro II a doação de “doze léguas em quadra de terras”, o equivalente a cerca de setenta e nove mil hectares, localizados na região que passou a ser conhecida como São Domingos. O casal teria se estabelecido na área por volta de 1871, dando início ao que viria a se tornar a atual comunidade da Barra da Aroeira.

Assim, a história da Barra da Aroeira expressa a continuidade das lutas por liberdade e reconhecimento das populações afrodescendentes e evidencia a contribuição dos povos negros para a formação histórica e cultural do Tocantins. Esse mesmo episódio é poeticamente retratado por Irma Galhardo na obra *Epopéia Tocantinense*, quando a autora menciona “a herança de Félix José, que se alistou e lutou sem um ‘ai’ a sangrenta Guerra do Paraguai”, transformando o feito histórico em símbolo de bravura e resistência. Assim, o texto poético e a realidade histórica se entrelaçam, reafirmando a importância de preservar a memória e a identidade das comunidades quilombolas na construção da cultura tocantinense.

Nesse contexto, a *Epopéia Tocantinense*, dedica também versos à cidade de Natividade, uma das mais antigas e históricas do Tocantins, reconhecida por seu valioso patrimônio cultural e arquitetônico. Portanto, ao mencionar “a ruína de uma igreja (que Nossa Senhora proteja) tombada em instância nacional em pedra canga, opulenta”, a autora faz referência à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, um dos símbolos mais representativos da cidade. Essa ruína, construída em pedra canga, material característico da região, foi tombada como

patrimônio histórico nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tornando-se cartão-postal e atração turística de Natividade.

Dessa forma, o verso “que Nossa Senhora proteja” revela a presença da fé popular, traço marcante na cultura tocantinense, e demonstra o respeito religioso e afetivo que a população local mantém em relação ao templo, mesmo em ruínas. Já o termo “opulenta” reforça a grandiosidade estética e simbólica da construção, erguida durante o período colonial, quando a cidade era um importante centro minerador.

Ao afirmar que a igreja “virou cartão postal e atração da cidade chamada Natividade”, Irma Galhardo mostra como o patrimônio material, as ruínas, as construções e os marcos históricos, se converte em símbolo de identidade e memória coletiva. Para além de sua dimensão arquitetônica, o lugar carrega valores espirituais e culturais, tornando-se uma representação da resistência e da continuidade da fé do povo tocantinense ao longo do tempo.

Dessa forma, o fragmento revela o olhar sensível da autora sobre o patrimônio histórico-cultural do estado, valorizando-o como parte essencial da Epopeia Tocantinense. Ao transformar as ruínas da antiga igreja em imagem poética, Irma Galhardo reafirma a importância de preservar não apenas as pedras, mas também as histórias, crenças e tradições que sustentam a identidade do Tocantins e de seu povo.

Nesse sentido, a obra revela a força das manifestações de fé popular e a importância das tradições religiosas na construção da identidade cultural do povo tocantinense. A devoção ao Senhor do Bonfim, que atravessa mais de dois séculos, demonstra como as práticas de religiosidade popular ultrapassam o campo espiritual e assumem um papel social e histórico relevante, mobilizando comunidades inteiras e transformando o espaço geográfico em um território simbólico de fé e pertencimento. A peregrinação e as toadas, que marcam o ritual dos romeiros, configuram expressões de resistência cultural, transmitidas de geração em geração, reafirmando a continuidade das memórias coletivas.

Além disso, o surgimento do povoado em homenagem ao santo não se limita a um ato devocional, mas representa um processo de ocupação e de consolidação cultural, no qual a religiosidade popular atua como elemento estruturante da vida comunitária e da história regional do Tocantins.

Assim, evidencia a riqueza natural do Tocantins, destacando a diversidade de sua flora e fauna, fruto da influência direta da Amazônia, bioma que compartilha parte de seu território com o estado. Essa abundância ambiental reflete não apenas um patrimônio ecológico de grande valor, mas também um potencial de desenvolvimento sustentável, cultural e turístico. As referências às águas termais de uso medicinal e ao lago que circunda a capital simbolizam a

harmonia entre natureza e qualidade de vida, reforçando a relação de interdependência entre o ser humano e o meio ambiente. A obra *Epopeia Tocantinense* ainda permite uma leitura crítica sobre a importância da preservação ambiental e do uso responsável dos recursos naturais, que, além de promoverem o bem-estar coletivo, fortalecem a identidade tocantinense e seu vínculo com a natureza exuberante que a define.

A autora destaca também de forma poética e simbólica, a profunda relação entre o povo tocantinense e os elementos naturais que compõem o bioma local, revelando a riqueza ecológica e cultural da região. O pequi, o cajuí e o buriti são apresentados não apenas como frutos, mas como expressões da identidade e da subsistência do povo, evidenciando a importância desses recursos na alimentação, no artesanato e na economia local. O buriti, por exemplo, é valorizado por sua versatilidade e pelo papel que desempenha na produção de iguarias e utensílios do cotidiano, reforçando o elo entre natureza e cultura. A menção ao Jalapão, com suas dunas, cachoeiras e o emblemático capim-dourado, amplia essa perspectiva, mostrando como a paisagem natural se transforma em fonte de arte, renda e pertencimento.

Assim, o texto expressa uma valorização estética e simbólica da natureza tocantinense, ressaltando sua potência como patrimônio ambiental e cultural que sustenta práticas sustentáveis, memórias coletivas e o modo de vida das comunidades locais.

A obra aponta trecho sobre uma manifestação cultural profundamente enraizada na religiosidade popular do Tocantins: a Roda de São Gonçalo. Essa celebração, marcada pela dança, pela música e pela fé, revela a força da devoção coletiva e o protagonismo feminino nas expressões de espiritualidade comunitária. Assim, ela é uma manifestação cultural e religiosa de origem portuguesa, muito forte no Nordeste do Brasil, que combina música e dança em homenagem a São Gonçalo de Amarante. É uma tradição popular para pagar promessas feitas ao santo, que também é conhecido como padroeiro dos violeiros e "santo casamenteiro". A celebração acontece geralmente em casas de devotos, com música, dança em filas (geralmente uma de homens e outra de mulheres), cantos de louvor e culinária típica.

Além disso, essa dança, de origem portuguesa, foi trazida ao Brasil durante o período colonial e, ao longo do tempo, incorporou elementos da cultura afro-brasileira e indígena, tornando-se um símbolo de sincretismo e resistência cultural.

No que se refere aos símbolos culturais, o cruzeiro iluminado representa a presença divina e a relação entre o sagrado e o cotidiano, funcionando como um ponto de encontro entre tradição, identidade e memória coletiva. Desse modo, as mulheres, ao dançarem e entoarem versos de louvor, representam a continuidade de um saber ancestral transmitido entre gerações, reafirmando o papel da mulher como guardiã das práticas culturais e da fé popular. Assim, a

figura do tocador, que conduz o ritmo da celebração, integra o elemento musical como linguagem de devoção, transformando o ato de dançar em oração e resistência simbólica. Além disso, a roda de São Gonçalo expressa a riqueza das manifestações culturais tocantineses, em que o corpo, a fé e a arte se unem em uma celebração que ultrapassa o ritual religioso e se inscreve como patrimônio imaterial do povo.

Em seguida, a autora presta uma homenagem às quebradeiras de coco babaçu, símbolo de resistência feminina, força coletiva e luta por direitos sociais no Tocantins e em outras regiões do Norte e Nordeste. As quebradeiras representam a união entre trabalho, identidade cultural e consciência política, tendo sido fundamentais na formação de movimentos sociais que reivindicaram melhores condições de vida, acesso à terra e preservação dos babaçuais — patrimônio ambiental e fonte de sustento de inúmeras famílias.

A autora ressalta a atitude dessas mulheres ao dizer que “arregaçando a camisa criaram organização”, expressão que traduz o protagonismo feminino na busca de soluções diante das adversidades. Ao se organizarem em associações e movimentos, as quebradeiras conquistaram espaço social e político, tornando-se exemplo de empoderamento e solidariedade comunitária.

Dessa forma, a menção à “saudosos Raimunda”, provavelmente referência à líder Raimunda Gomes da Silva (Raimunda Quebradeira de Coco), reforça o reconhecimento da importância histórica e simbólica dessas mulheres. Raimunda tornou-se uma figura emblemática da luta das quebradeiras, sendo lembrada por sua coragem, sabedoria popular e dedicação às causas coletivas⁵.

Portanto, os elementos mencionados a seguir destacam aspectos centrais da cultura histórica do estado, como a fava de bolota, pedra granada, girassol, arara e a dança Jiquitaia. A fava de bolota remete à tradição agrícola das comunidades rurais do Tocantins, constituindo-se como símbolo da subsistência, do trabalho da terra e da resistência camponesa. Na epopeia, esse elemento reforça a conexão histórica entre povo e território, marcando a importância do cultivo e da vida no campo na formação humana e social do estado.

De acordo com o portal Unitins, a escolha da Fava de Bolota⁶ como árvore-símbolo do Tocantins, oficializada pela Lei nº 2.619/2012, revela um movimento de valorização da flora local e de fortalecimento dos elementos identitários do estado. Ao determinar, no artigo 4º, que órgãos públicos promovam o plantio da espécie no Dia da Árvore, a legislação evidencia uma

⁵ Sobre a Raimunda Quebradeira de Coco ver documentário. (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m26P_NZx1C4)

⁶ A Fava-de-bolota (*Parkia platycephala*) é uma árvore brasileira também conhecida como visgueiro, faveira, andirá, juriana-vermelha, pau-de-arara, paricá e badoqueiro. É a árvore símbolo da Natureza do Estado do Tocantins.

preocupação com a preservação ambiental, com a educação ecológica e com a construção de uma memória simbólica ligada à natureza regional. Trata-se de uma ação que integra política ambiental, identidade cultural e práticas de conservação.

Do ponto de vista descritivo, a Fava de Bolota apresenta atributos estéticos que justificam sua escolha como símbolo tocantinense. A copa frondosa e as flores vermelhas de aspecto vibrante, semelhantes a pompons, fazem da espécie um elemento de destaque no paisagismo urbano, especialmente em praças, parques e áreas de convivência. Seu potencial ornamental reforça o diálogo entre natureza e cotidiano, aproximando a população dos elementos naturais que compõem o bioma local.

Além de seu valor simbólico e estético, a árvore possui relevância ecológica e econômica. Seus frutos, em forma de favas, apresentam alto teor de carboidratos e proteínas, o que os torna adequados para a alimentação de ruminantes. Essa característica demonstra a multifuncionalidade da espécie, que não apenas embeleza o território, mas também contribui para práticas sustentáveis de manejo agropecuário.

Assim, o trecho revela a combinação entre patrimônio natural, identidade tocantinense e funcionalidade ambiental, evidenciando como a escolha da Fava de Bolota ultrapassa aspectos simbólicos e se articula com dimensões práticas, ecológicas e culturais do Tocantins.

A seguir, reproduzimos uma imagem da fava de bolota em nosso campus, na UFT Miracema

Figura 04 - Imagem da árvore fava de Bolota no pátio da UFT – Campus Miracema do Tocantins/TO.



Fonte: Fotografia tirada por Neurimar Carvalho (2026)

A Figura 1 ilustra a fava de bolota presente no campus da UFT, elemento que pode ser compreendido como parte da paisagem natural tocantinense, contribuindo para a construção da identidade cultural e do pertencimento dos sujeitos ao seu território. Nesse sentido, a valorização dos elementos naturais não se limita à vegetação, mas se estende também às riquezas minerais da região, como evidenciado na obra ao mencionar a pedra granada. Esse mineral reforça a relação intrínseca entre natureza e identidade cultural no Tocantins, destacando como diferentes aspectos do meio natural participam da construção simbólica e histórica do território. A pedra granada⁷ uma pedra preciosa ou semipreciosa pertencente a um grupo de minerais muito utilizados em joias e também encontrados em rochas da natureza. Ela é conhecida principalmente por sua cor vermelha intensa, embora possa aparecer em outras cores, como verde, amarelo, marrom e até alaranjado. Ao destacar esse mineral, a autora não apenas evidencia a diversidade geológica do território, mas também constrói uma metáfora que aprofunda o sentido histórico e simbólico do pertencimento tocantinense. A pedra, conhecida por sua resistência, brilho e valor, é transposta para o campo cultural como representação da solidez das raízes históricas do povo.

Desse modo, esse trecho permite compreender a identidade tocantinense como algo que não é frágil nem circunstancial, mas sim sustentado por bases firmes, moldadas ao longo do tempo, assim como as rochas que compõem o subsolo regional. Assim, a comparação entre a força geológica e a força cultural sugere que o Tocantins se estrutura a partir de processos históricos profundos, acumulados e resistentes, capazes de atravessar gerações.

Ao utilizar a pedra como elemento de expressão simbólica, a obra reafirma que a cultura tocantinense não é apenas fruto das práticas sociais contemporâneas, mas resultado de uma longa construção que envolve povos originários, comunidades tradicionais, processos migratórios e transformações políticas e econômicas. Assim, a granada funciona como um marcador poético e político, elevando o patrimônio natural ao status de referência identitárias.

Ainda em sua obra, o girassol é citado como um símbolo representativo do estado do Tocantins, sendo apresentado como um elemento que articula aspectos naturais e culturais para expressar o espírito tocantinense. Dessa maneira, ao associar a flor à luz, alegria e esperança, a autora mobiliza um imaginário amplamente reconhecido na região, no qual o girassol é tomado como metáfora da vitalidade e da perseverança. Essa escolha simbólica não é aleatória: o

⁷ A Pedra granada é um poderoso cristal de proteção, transformação e vitalidade, conhecido por absorver energias negativas, fortalecer o campo áurico e auxiliar no enraizamento e coragem, atuando no Chakra Raiz para dar segurança e impulsionar a força interior e a prosperidade. É uma pedra que confere vigor, protege em ambientes de trabalho e é valorizada tanto por colecionadores quanto por entusiastas de cristais por sua beleza e propriedades energéticas

girassol, ao mover-se em direção ao sol, expressa um movimento contínuo de busca pela luminosidade, o que dialoga diretamente com o modo como o povo tocantinense é retratado na narrativa — resiliente, confiante e orientado para o futuro.

Na dimensão épica da obra, o girassol transcende sua existência natural para tornar-se uma imagem representativa da força coletiva e da capacidade de transformação. Assim como a flor acompanha o percurso solar, o povo tocantinense é apresentado como sujeito histórico que, mesmo diante de desafios, mantém o olhar voltado para possibilidades de renovação. Trata-se, portanto, de uma metáfora que articula natureza e identidade, destacando a relação harmoniosa entre o ambiente físico e os valores culturais da região.

Assim, ao inserir o girassol nesse contexto, a narrativa reforça um sentimento de pertencimento, valorizando elementos que inspiram continuidade, crescimento e movimento. A flor torna-se, então, um símbolo de uma coletividade que não se paralisa, mas que se reinventa, seguindo a trajetória luminosa que a própria obra sugere. Essa leitura revela como a autora utiliza a força da simbologia natural para consolidar uma visão otimista e dinâmica da identidade tocantinense, associando-a ao impulso permanente de caminhar rumo ao futuro.

Além disso, na cidade de Palmas, capital do Tocantins, destaca-se a Praça dos Girassóis, um dos espaços urbanos mais emblemáticos do Estado. Ela recebe esse nome em referência ao girassol, flor que simboliza luz, vitalidade e esperança — valores associados à identidade tocantinense e à concepção da própria capital, idealizada como uma cidade moderna, acolhedora e voltada para o futuro. Ou seja, isso reforça também o vínculo entre a cultura local e os elementos naturais, articulando paisagem, memória e simbolismo na constituição do patrimônio urbano de Palmas. A Praça dos Girassóis, verdadeiro cartão-postal de Palmas, destaca-se não apenas por seu impacto visual, mas sobretudo por sua grandiosidade simbólica. Com 571 mil metros quadrados, ela figura como a maior praça da América Latina e a segunda maior praça urbana do mundo, consolidando-se como um marco arquitetônico e cultural no cenário brasileiro. Seu amplo território abriga as sedes dos três poderes — Executivo, Legislativo e Judiciário — reforçando sua centralidade política na organização do Estado do Tocantins.

Isso porque, o espaço é enriquecido por uma diversidade de monumentos e obras de arte que narram, de maneira visual e sensível, a trajetória do povo tocantinense. Entre eles, destacam-se o Monumento da Súplica dos Pioneiros, o Relógio do Sol, o Monumento aos Dezoito do Forte, o Monumento à Bíblia, o Museu Memorial Coluna Prestes, além do Cruzeiro, que remete à celebração da primeira missa no local. Outros elementos, como o Centro Geodésico do Brasil (Rosa dos Ventos), o Mapa do Tocantins, a Cascata, a Fonte Luminosa, as

frisas e o Brasão do Estado, compõem um mosaico de memória, identidade e pertencimento. (Ver apêndice A)

Além do mais, o cotidiano, a praça assume também um papel de convivência e lazer. No final da tarde, transforma-se em ponto de encontro para moradores e turistas, sendo amplamente utilizada por praticantes de caminhada. Os quiosques de comidas regionais acrescentam sabor e tradição ao espaço, reafirmando seu caráter de lugar de sociabilidade, cultura e celebração da vida tocantinense.

Assim, a Praça dos Girassóis é mais do que um espaço urbanístico monumental: é uma síntese viva da história, da política e da cultura do Tocantins, integrando estética, memória e identidade em um mesmo território.

Diante dessa perspectiva simbólica, a autora destaca ainda a utilização da arara como símbolo no cordel que revela uma construção imagética que integra natureza, cultura e ancestralidade, reforçando a complexidade identitária do Tocantins. Ao ser apresentada como representante da fauna exuberante e da diversidade ecológica do estado, a ave funciona como um marcador da riqueza ambiental que compõe o território. No entanto, seu significado ultrapassa o aspecto naturalista: a arara também evoca profundas conexões com as cosmologias indígenas, já que essa ave ocupa lugar de destaque nos rituais, narrativas e sistemas simbólicos dos povos originários.

Nesse contexto, a presença da arara opera como ponte entre o presente e o passado, permitindo que a identidade tocantinense seja lida não apenas como construção contemporânea, mas como herança de tradições que antecedem a formação do próprio Estado. A ave, portanto, traduz a ancestralidade indígena que permanece viva na memória cultural e na paisagem do Tocantins, reafirmando valores como respeito à natureza, espiritualidade e convivência harmônica com o ambiente.

Assim, a arara não é apenas um elemento de beleza natural; ela funciona como símbolo integrador, apontando para a profundidade das raízes históricas e culturais que moldam o imaginário tocantinense. Ao destacá-la, o cordel evidencia a indissociável ligação entre ecossistemas, povos originários e identidade regional, reforçando que a cultura tocantinense se sustenta na interrelação entre biodiversidade e ancestralidade.

Ainda, nessa perspectiva, a dança da Jiquitaia, ao surgir na obra, assume o papel de um dos mais expressivos símbolos da cultura popular tocantinense, condensando elementos que articulam corpo, memória e território. Mais do que uma manifestação festiva, a dança materializa valores fundamentais da vida comunitária, como o movimento, o ritmo, a alegria e

a coletividade, demonstrando que a identidade local não se constrói de forma isolada, mas na interação viva entre as pessoas, seus costumes e seu ambiente.

Isso porque, ao mencionar essa dança, a autora mobiliza um repertório cultural que atravessa gerações, reafirmando o caráter transmissível e dinâmico das tradições populares. A Jiquitaia torna-se, assim, uma metáfora para o próprio processo de construção identitária do Tocantins: um Estado jovem, mas profundamente enraizado em práticas que celebram a vida, a união e o pertencimento. Sua presença no cordel evidencia como o corpo e o território se entrelaçam, transformando gestos e movimentos em narrativas históricas compartilhadas.

A dança, portanto, sintetiza a memória e a resistência cultural do povo tocantinense. Nela, encontram-se o passado que sustenta, o presente que celebra e o futuro que se deseja preservar. Ao destacar a Jiquitaia, a obra reforça que a identidade tocantinense se fundamenta em práticas celebrativas e comunitárias, capazes de manter viva a tradição ao mesmo tempo em que renovam o sentimento coletivo de pertencimento.

Desse modo, a escolha desses elementos reforça a proposta da obra: celebrar o Tocantins como território de memória, beleza, resistência e diversidade, construindo uma epopeia capaz de traduzir em poesia o que é ser tocantinense.

Assim, a autora amplia esse mosaico simbólico ao incorporar referências geográficas, arqueológicas e ecológicas que reforçam o caráter épico do território, como a Lagoa da Confusão, marcada pela presença indígena e pelo imaginário mítico que envolve sua história, surge como um espaço em que natureza e ancestralidade se entrelaçam. A Pedra do Sim e Não, associada à espiritualidade popular e ao enigma das escolhas humanas, acrescenta à narrativa uma camada de simbolismo que traduz as dualidades vividas pelo povo do estado. Já as árvores fossilizadas de Filadélfia, testemunhas de eras remotas, revelam a profundidade temporal do território, mostrando que o Tocantins carrega marcas que antecedem a própria existência humana. Além da presença dos três ecossistemas — Cerrado, Amazônia e Pantanal — especialmente visível na região do Cantão, evidenciando a vasta diversidade biológica que compõe a identidade ambiental tocantinense. Por fim, as pinturas rupestres de Lajeado comprovam a ocupação pré-histórica da região, revelando que a criatividade, a arte e a presença humana fazem parte dessa terra desde tempos imemoriais.

Em continuidade, o trecho em que Galhardo (2025) afirma que “é aqui nesse chão, com garra, trabalho e união, que podemos crescer demais” reforça a dimensão coletiva e emancipatória presente na Epopeia Tocantinense, isto é, a autora constrói a ideia de que a identidade tocantinense não se limita à herança cultural ou às riquezas naturais do território, mas também se funda na ação humana, na capacidade de organização social e no esforço

conjunto de seu povo. Assim, ao destacar que “somos bons, fortes e audazes”, Galhardo atribui ao povo tocaninense características heroicas, elevando-o à posição de protagonista da própria história, coerente com a proposta épica da obra.

Diante dessa perspectiva, a autora ainda faz o convite a “fazer uma bela história, traçar metas, persegui-las, contando com a vitória” apresentando uma concepção de futuro construída sobre a consciência histórica, na qual passado, presente e projeções se entrelaçam. Desse modo, a narrativa assume um tom motivador e político, indicando que o desenvolvimento do estado depende diretamente da participação ativa da população. Assim, quando a autora afirma que “há sempre oportunidade para gente de qualquer idade”, ela universaliza o projeto de construção coletiva do Tocantins, entendendo-o como um espaço aberto, dinâmico e inclusivo, no qual todos podem contribuir e transformar.

Portanto, a frase “o Estado existe para o povo” sintetiza uma visão republicana e democrática que ecoa o sentido de pertencimento presente em toda a epopeia. Aqui, Galhardo (2025) reforça que a instituição estatal só encontra legitimidade quando atende às necessidades e aspirações de sua população. Diante disso, ao afirmar que “resta-nos buscar um destino novo”, a autora aponta para uma dimensão prospectiva, sugerindo que a identidade tocaninense está em constante construção, impulsionada pelo desejo de progresso, pelo orgulho regional e pela força coletiva que sustenta o estado. Assim, o trecho reafirma o caráter mobilizador da obra, apresentando o Tocantins como território de memória, mas também de esperança e possibilidades.

Assim, o registro de que “a divisão agradou a população, principalmente no quesito escola e educação, pois quando o Estado se formou menos de 1% do povo tinha curso superior” revela um aspecto fundamental do processo de criação do Tocantins: sua forte vinculação ao desejo de progresso, inclusão e expansão educacional. A formação do novo estado, em 1988, não representou apenas uma mudança geopolítica, mas também uma oportunidade histórica de reorganizar políticas públicas e ampliar o acesso a direitos básicos, sobretudo na área da educação. Esse dado, citado pela autora, demonstra a defasagem educacional que marcava a região e reforça a necessidade urgente de investimentos que favorecessem a ascensão social e intelectual da população.

Na obra *Epopeia Tocantinense*, Irma Galhardo valoriza esse momento histórico ao mostrar que a criação do Tocantins nasce da esperança de um povo que buscava melhores condições de vida, desenvolvimento e oportunidades. A menção ao baixo índice de escolarização funciona como marcador das desigualdades históricas enfrentadas pela região, mas também como ponto de partida para destacar o quanto o estado avançou a partir de sua

emancipação. Assim, a obra não apenas celebra os símbolos naturais e culturais do território, mas também evidencia a importância da educação como base para o crescimento coletivo — alinhando-se ao ideal de que a identidade tocantinense se constrói tanto pela riqueza do solo quanto pelo fortalecimento do conhecimento.

Dessa maneira, ela afirma que, “hoje as escolas abundam, universidades circundam” evidencia o contraste entre o passado educacional limitado do território e o cenário contemporâneo, marcado pela ampliação significativa das instituições de ensino no Tocantins. É possível observar, que essa transformação, ressaltada por Irma Galhardo em tom épico e celebrativo, demonstra que a criação do estado não apenas reorganizou politicamente a região, mas desencadeou um processo de democratização do acesso à educação. Nessa análise, a presença crescente de escolas e universidades reforça a ideia de um Tocantins acolhedor, que se estrutura para receber e formar sua população de maneira mais digna e equitativa.

Assim, quando a autora escreve “gente que nem estudava teve acesso, finalmente, agora é mestre, doutor”, (GALHARDO, 2025, p. 99), o verso sintetiza uma vitória social e histórica. Diante dessa afirmativa, a autora sublinha o avanço educacional como símbolo de ascensão social e de emancipação humana, destacando que o Tocantins, ao longo de sua trajetória recente, possibilitou a inclusão daqueles que antes estavam à margem do sistema de ensino. Essa mudança não é apenas quantitativa, mas qualitativa: formar mestres e doutores significa consolidar um estado que investe no conhecimento como força motriz de desenvolvimento. Assim, a narrativa reforça a ideia de que o progresso tocantinense não se limita às construções materiais, mas se expressa no crescimento intelectual de seu povo.

Dentro da lógica épica proposta por Irma Galhardo, o avanço educacional se transforma em símbolo de conquista coletiva, representando o cumprimento das esperanças depositadas no processo de emancipação. A obra, portanto, não apenas retrata o Tocantins como um território rico em natureza, cultura e história, mas também como espaço de oportunidade, transformação e afirmação de identidades. A educação, nesse contexto, aparece como eixo estruturante do projeto de estado e da formação humana de seu povo.

Quando o cordel afirma que “nosso Tocantins desponta, sua trajetória aponta”, Irma Galhardo reforça a ideia de que o estado está em constante movimento ascendente, consolidando-se como um território de crescimento e possibilidades. A expressão traduz uma leitura histórica que reconhece o Tocantins como espaço jovem, mas de grande potencial, cuja formação recente permitiu reorganizar políticas públicas, estimular o desenvolvimento regional e promover oportunidades antes inexistentes. Assim, o verbo “despontar” funciona como metáfora para um estado que se projeta, ganha visibilidade e fortalece sua identidade.

Desse modo o trecho segue destacando que “o futuro promissor” é um reflexo não apenas das riquezas naturais e culturais, mas, sobretudo, do esforço das pessoas que habitam esse território. Ao afirmar que “quem aqui estava cresceu”, a autora reconhece que os habitantes originários da região foram beneficiados com a expansão da infraestrutura, da educação, da economia e das políticas sociais após a criação do estado. Já a afirmação de que “quem veio disse que valeu, virou empreendedor” amplia essa perspectiva ao incluir os migrantes que escolheram o Tocantins como lugar de novas oportunidades. Assim, a obra evidencia o caráter acolhedor do estado, que não apenas recebe, mas permite que seus moradores — antigos e novos — se desenvolvam e construam trajetórias de sucesso.

Ainda, sob essa perspectiva, essa ênfase no empreendedorismo e no crescimento social reforça um dos pilares centrais da Epopeia Tocantinense: a construção de um povo forte, ativo e mobilizado, capaz de transformar sua realidade. Irma Galhardo apresenta o Tocantins como espaço de realizações, onde a iniciativa individual e coletiva é valorizada, e onde a esperança se converte em ação concreta. Desse modo, o cordel articula passado, presente e futuro, mostrando que o destino do estado se constitui na participação de todos aqueles que o constroem diariamente.

No que se refere a dinâmica de desenvolvimento do Tocantins, a autora evidencia não apenas crescimento material, mas a consolidação de uma identidade cultural singular, reconhecida pela população como Tocantinidade. Portanto, o avanço em diferentes setores demonstra que o estado se estruturou a partir de potencialidades próprias, combinando recursos naturais abundantes, diversidade ambiental e iniciativas produtivas emergentes. Assim, a presença de cadeias como a do biodiesel, o cultivo do Murici, além do aproveitamento das amplas reservas de energia, evidencia um movimento contínuo de inovação pautado nas especificidades regionais. Ao mesmo tempo, as paisagens naturais — serras, rios e ecossistemas variados — reforçam o caráter híbrido entre progresso e preservação, compondo um cenário que permite ao estado crescer sem perder sua essência ambiental.

Desse modo, a cultura local, expressa nos modos de vida, nas manifestações artísticas e na memória coletiva, fortalece esse sentimento de pertencimento, funcionando como eixo simbólico para sustentar o desenvolvimento.

Assim, a Tocantinidade surge como um “tesouro” não apenas pela raridade, mas pela capacidade de unir passado e futuro, tradição e modernidade. O orgulho pela terra, pelos recursos e pela história vivida se converte em motor de esperança e projeto coletivo, sustentando a convicção de que ainda há muito a conquistar. O Tocantins cresce, projeta-se e

se reinventa constantemente, impulsionado por sua gente, por suas riquezas naturais e por uma identidade forte que legitima e orienta seu destino.

Ainda, a obra *Epopéia Tocantinense*, de Irmã Galhardo, revela-se como um dos mais significativos registros literários dedicados à construção simbólica, histórica e cultural do Tocantins. Por meio da linguagem poética do cordel, a autora reconstrói o imaginário coletivo do povo tocaninense, articulando memória, identidade e pertencimento em versos que dialogam com o passado, explicam o presente e projetam o futuro do Estado.

A narrativa poética percorre diferentes dimensões do território, suas cidades, sua natureza exuberante, sua gente, suas festas, suas lutas e seus símbolos, fazendo emergir uma identidade plural, resiliente e marcada por profunda ligação com o ambiente natural e com a ancestralidade. Os elementos históricos descritos transcendem sua materialidade e se tornam metáforas da força, da alegria, da espiritualidade e da resistência do povo tocaninense.

A autora também dá destaque fundamental às raízes históricas que compõem o território, as tradições religiosas seculares, os marcos arquitetônicos tombados, os povoados formados ao redor da fé e da devoção, além de personalidades e grupos que lutaram pela justiça, pelos direitos e pela preservação cultural. Cada referência, carregada de simbolismo, demonstra que a história tocaninense é feita tanto de grandes eventos quanto de memórias comunitárias, lutas anônimas e saberes transmitidos entre gerações.

Dessa maneira, a obra reafirma, ainda, a relevância do Tocantins como espaço de diversidade ambiental e cultural. Rios, serras, cachoeiras, dunas, fauna e flora são apresentados não apenas como paisagens, mas como parte indissociável da identidade regional, compondo um mosaico que expressa equilíbrio, beleza e abundância. Ao celebrar tais elementos, Irma Galhardo evidencia a necessidade de preservação da natureza e de valorização das tradições que convivem com ela em harmonia.

Assim, *Epopéia Tocantinense* se consolida como uma obra-chave para compreender os potenciais histórico-pedagógicos e artísticos do cordel no ensino da história local, pois transforma conhecimento, memória e cultura em linguagem acessível, envolvente e profundamente formadora. Seu caráter épico não se limita ao gênero literário, mas reflete a epopeia do próprio povo tocaninense, sua trajetória de criação, luta, resistência e esperança.

Em síntese, a análise dessa obra significa, reafirmar que Irma Galhardo constrói, com sensibilidade e rigor poético, uma narrativa que fortalece o sentimento de identidade regional e oferece contribuições valiosas para a educação, a cultura e a valorização da memória do Tocantins. Diante disso, a autora consegue, de maneira singular, unir literatura e história,

transformando versos em instrumentos de preservação, reconhecimento e celebração da riqueza cultural tocaninense.

A seguir, são apresentados os resultados da pesquisa de campo, obtidos a partir do levantamento realizado nas instituições educativas da rede estadual de ensino do município de Miracema do Tocantins. Tal levantamento teve como objetivo analisar a presença do livro *Epopeia Tocantinense*, de Irma Galhardo, nos acervos escolares, bem como identificar possíveis práticas pedagógicas relacionadas à utilização dessa obra.

3 PESQUISA DE CAMPO: ESTUDO DA ENTREVISTA DE TERCEIROS E LEVANTAMENTO DAS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS

Nesta seção, desenvolve-se a análise de uma entrevista realizada por terceiros com a autora Irma Galhardo, utilizada como fonte documental, com o objetivo de compreender aspectos centrais de sua trajetória pessoal e literária. A partir dessa entrevista, busca-se identificar as concepções da autora acerca de sua identidade, de sua relação com o Tocantins e do processo de escrita de suas obras, bem como suas motivações, referências culturais e as fontes históricas que subsidiam sua produção literária. Tal análise contribui para a compreensão do contexto de criação do livro *Epopéia Tocantinense* e de seu potencial enquanto instrumento de valorização da história e da cultura tocaninense.

Paralelamente, esta seção apresenta os resultados da pesquisa de campo realizada em instituições educacionais, com foco no levantamento de escolas que possuem ou que desenvolvem práticas pedagógicas envolvendo obras de Irma Galhardo, em especial o livro *Epopéia Tocantinense*. O estudo buscou identificar a existência da obra nos acervos escolares, bem como verificar a ocorrência de projetos pedagógicos, planos de aula ou outras iniciativas que utilizem o livro como recurso didático.

A partir desse levantamento, procedeu-se à análise de relatos, observações e informações fornecidas por coordenadores pedagógicos, professores e bibliotecários, quando disponíveis, acerca do uso da obra em sala de aula. Tais dados permitiram refletir sobre as potencialidades e os desafios relacionados à utilização da literatura regional no contexto escolar, especialmente no que se refere à formação crítica dos estudantes, ao fortalecimento da identidade cultural e à integração entre literatura, história e cultura popular. Dessa forma, a seção busca evidenciar tanto as possibilidades educativas da obra quanto os limites encontrados para sua efetiva inserção nas práticas pedagógicas.

3.1 Estudo da entrevista à Irma Galhardo realizada por Cordeiro, em 2016

A presente pesquisa incorpora a entrevista intitulada “Eu sou tocaninense que nasceu na Bahia”, realizada pela pesquisadora Amanda Fernandes Teixeira Cordeiro com a escritora Irma Galhardo e publicado na revista *Opiniões* – revista dos alunos de literatura brasileira. Amanda Cordeiro é doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) e docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT), atuando nas áreas de literatura infanto-juvenil e produção textual. A relevância da entrevistadora está diretamente relacionada ao seu

campo de atuação acadêmica, o que confere consistência teórica e metodológica ao diálogo estabelecido com a autora.

A entrevista apresenta um conjunto de questões que abordam aspectos fundamentais da trajetória pessoal, formação leitora, escolhas temáticas e processo criativo de Irma Galhardo. Entre os principais pontos discutidos, destacam-se: sua infância e o contato inicial com a literatura; as motivações para eleger o Tocantins como eixo central de sua produção; o processo de construção de obras voltadas ao público infanto-juvenil; os métodos de pesquisa utilizados, especialmente a valorização da oralidade; e a importância da literatura de cordel em sua escrita. Também são abordadas questões relacionadas à valorização da cultura popular, das comunidades indígenas e quilombolas, bem como o papel social da literatura em fortalecer identidades culturais.

A inserção dessa entrevista no presente trabalho justifica-se por permitir o acesso direto à voz da autora da obra *Epopéia Tocantinense*, possibilitando compreender, a partir de sua própria perspectiva, os objetivos, intencionalidades e fundamentos que orientam sua produção literária. Dessa forma, a entrevista contribui significativamente para a análise proposta, uma vez que evidencia o compromisso de Irma Galhardo com o registro da cultura tocantinense, especialmente por meio da adaptação de narrativas orais e da utilização da linguagem do cordel como estratégia pedagógica e cultural.

Além disso, ao explicitar seu processo de pesquisa — que articula levantamento bibliográfico e escuta de narrativas populares — a autora reforça o caráter histórico e cultural de sua obra, elemento central para esta investigação. Assim, a entrevista não é utilizada apenas como complemento, mas como fonte qualitativa que fundamenta a compreensão da obra analisada, dialogando diretamente com os objetivos deste estudo.

Diante desse cenário, sua produção literária surge como iniciativa de preenchimento dessa lacuna, oferecendo ao público, especialmente as crianças, um contato direto com o patrimônio cultural do Tocantins.

Em entrevista realizada por Cordeiro (2019), Galhardo destaca que sua obra não apenas resgata, mas também valoriza as narrativas tradicionais transmitidas oralmente, estabelecendo uma ponte entre o passado (saberes populares) e o presente (registro escrito e educativo). A dimensão pedagógica e social de sua obra é ressaltada, pois contribui para que a população tocantinense reconheça, preserve e se orgulhe de sua herança cultural.

A escritora dá ênfase aos indígenas, quilombolas e ribeirinhos reconhecendo neles patrimônios culturais que precisam ser registrados para não se perderem. Seu trabalho é também um gesto político de resistência e valorização da diversidade cultural. Segundo Galhardo apud

Cordeiro 2019, p.347 “[...] eu me empenho mais quando se trata de minorias porque sei da obrigação social que temos, procuro contribuir na luta com a arma que porto, que é a escrita”.

Nesse sentido, percebe-se que a autora manifesta claramente um compromisso com minorias, reconhecendo a obrigação social do escritor de dar voz a grupos marginalizados. Ela entende a escrita como uma arma de conscientização e transformação, posicionando-se não apenas como narradora, mas como agente social. Ao registrar o folclore local e dar visibilidade a comunidades marginalizadas, ela atua como mediadora entre tradição oral e memória escrita.

A escritora se reconhece como cordelista, mostrando que a literatura de cordel não é apenas um gênero literário, mas uma extensão de sua própria voz. Lembra que na sua infância e juventude havia desprezo pela cultura popular e pelos estudos culturais, o que dificultava valorização da literatura de cordel.

Ao assumir o cordel a autora buscou um meio eficaz de comunicação com crianças e jovens, conectando linguagem poética e acessibilidade cultural. O cordel, para Galhardo é um instrumento de preservação, valorização de costumes e particularidades regionais.

A entrevista também ressalta sua principal obra, *Epopéia Tocantinense*, concebida integralmente a partir da estética do cordel. Desde a capa, marcada pelo estilo da xilogravura, até a estrutura narrativa em versos, o livro reconstrói de forma poética e histórica a trajetória do Tocantins, abrangendo o período de 1610 até os dias atuais, valorizando personagens, acontecimentos e a identidade cultural do povo tocaninense.

3.2 Levantamento das instituições educativas

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa de campo, articulando-os com a análise teórica desenvolvida nos capítulos anteriores, a fim de compreender a presença e o uso da obra *Epopéia Tocantinense* no contexto escolar.

A pesquisa de campo foi desenvolvida com o objetivo de analisar a presença e a utilização da obra *Epopéia Tocantinense* nas instituições escolares do município de Miracema do Tocantins, a partir das discussões teóricas e da análise da obra apresentadas no capítulo anterior. Essa etapa da pesquisa buscou articular os aspectos teóricos discutidos anteriormente com a realidade educacional local, permitindo compreender como a literatura regional se insere no contexto pedagógico. A investigação concentrou-se em escolas da rede estadual de ensino, considerando seus acervos bibliográficos e práticas pedagógicas.

As instituições investigadas pertencem à rede estadual de ensino e estão localizadas no município de Miracema do Tocantins. A escolha dessas escolas ocorreu de forma intencional,

conforme os critérios estabelecidos na metodologia, considerando a acessibilidade e a possibilidade de análise dos acervos bibliográficos.

As escolas apresentam características semelhantes no que se refere à organização pedagógica e à estrutura das bibliotecas, ainda que com diferenças quanto à disponibilidade de materiais didáticos. Esse aspecto revela a importância de analisar não apenas a presença da obra, mas também as condições de acesso e utilização no ambiente escolar

Os dados obtidos foram organizados e analisados à luz da técnica de análise de conteúdo, permitindo identificar padrões relacionados à ausência, presença e uso pedagógico da obra, bem como compreender os limites e possibilidades da inserção da literatura regional no ensino da história local.

Nessas instituições, procedeu-se à observação direta dos espaços destinados à biblioteca escolar, quando disponíveis, com o objetivo de verificar a organização do acervo e a presença da obra *Epopéia Tocantinense*. Além disso, foram realizadas conversas orientadas com coordenadores pedagógicos, professores e, quando existente, responsáveis pela biblioteca. Essas interações foram conduzidas a partir de um roteiro previamente elaborado, composto por questões norteadoras que buscaram investigar: a existência da obra no acervo escolar; a frequência de sua utilização em atividades pedagógicas; a inserção da literatura regional nos planejamentos de ensino; e a percepção dos profissionais sobre a relevância de materiais didáticos voltados à história e à cultura tocantinense. As informações obtidas foram registradas por meio de anotações em diário de campo, permitindo a sistematização dos dados coletados e a posterior organização em quadro síntese, no qual se apresentam a presença ou ausência da obra, o uso pedagógico e observações relevantes em cada instituição pesquisada.

Ressalta-se que, embora não tenha sido aplicado um questionário estruturado ou entrevistas formais gravadas, os instrumentos utilizados mostraram-se suficientes para atender aos objetivos da pesquisa, possibilitando a identificação de padrões, limites e potencialidades relacionados à utilização da obra *Epopéia Tocantinense* no contexto escolar investigado

Para fins de organização metodológica e preservação da identidade institucional, essas escolas serão identificadas ao longo da pesquisa como EE (ESCOLA ESTADUAL) enumeradas de 01 a 06.

Na sequência, apresenta-se um quadro síntese, com o objetivo de proporcionar melhor visualização dos dados coletados. Posteriormente, procede-se à descrição detalhada dos resultados obtidos, bem como à análise e discussão dos achados da pesquisa

Quadro 01: Levantamento do livro Epopeia Tocantinense nas escolas estaduais pesquisadas

Escola	Existência do livro do acervo	Uso Pedagógico	Observações principais
EE01	Não	Não	Coordenadora e professor não conheciam a obra. Reconhecem a importância de materiais sobre a história e cultura tocantinense. Professor recorre a materiais da internet por falta de recursos impressos.
EE02	Não	Não	Coordenadora não conhecia o livro. Não há registros de uso nem inserção da obra no planejamento pedagógico.
EE03	Sim, 01 exemplar	Não	Livro presente no acervo, mas nunca utilizado em sala de aula. Coordenadora demonstrou interesse em trabalhos futuros, indicando abertura para possível uso pedagógico.
EE04	Não	Não	Obra inexistente no acervo e ausência de práticas pedagógicas com literatura regional.
EE05	Sim, 01 exemplar	Não	Livro localizado pelo bibliotecário, porém nunca utilizado pelos professores. O professor revela descompasso entre acervo disponível e prática docente.

EE06	Não	Não	Livro inexistente no acervo da biblioteca escolar e ausência total de práticas pedagógicas relacionadas à obra.
------	-----	-----	---

Fonte: Produção da própria autora (2026)

A análise dos dados apresentados no quadro síntese evidencia que, embora a obra *Epopéia Tocantinense* possua reconhecido potencial pedagógico e histórico, sua inserção no cotidiano escolar ainda ocorre de forma limitada. Esses resultados dialogam diretamente com o objetivo da pesquisa, ao apontarem tanto as possibilidades quanto os entraves para a utilização da literatura regional como recurso didático.

O quadro síntese evidencia um cenário marcado, majoritariamente, pela ausência da obra *Epopéia Tocantinense* nos acervos das escolas pesquisadas, bem como pela inexistência de seu uso pedagógico. Das seis instituições investigadas, apenas duas (EE03 e EE05) possuíam um exemplar da obra em seu acervo, o que já revela uma limitação significativa no acesso ao material.

Outro aspecto significativo refere-se ao desconhecimento da obra por parte de coordenadores pedagógicos e professores, como observado nas escolas EE01 e EE02. Ainda que esses profissionais reconheçam a importância de materiais que abordem a história e a cultura tocantinense, a falta de conhecimento sobre a obra revela uma lacuna na divulgação e valorização da literatura regional no ambiente escolar. Essa realidade é reforçada pelo relato de docentes que recorrem a materiais disponíveis na internet devido à escassez de recursos impressos, o que aponta para a precarização do acervo físico e para a dependência de fontes digitais nem sempre contextualizadas à realidade local.

Na escola EE03, embora o livro não seja utilizado, a manifestação de interesse da coordenação pedagógica em trabalhos futuros sinaliza uma possível abertura para a inserção da obra em práticas pedagógicas, o que demonstra que o problema não reside na rejeição do material, mas na ausência de iniciativas institucionais que promovam sua utilização. Em contrapartida, as escolas EE04 e EE06 apresentam um cenário mais crítico, marcado pela inexistência da obra no acervo e pela ausência total de práticas pedagógicas relacionadas à literatura regional, evidenciando um distanciamento ainda maior entre o currículo escolar e a história local.

A situação observada na EE 03 revela uma realidade intermediária em relação às demais instituições pesquisadas, uma vez que o livro *Epopéia Tocantinense*, de Irma Galhardo, está presente no acervo bibliográfico da escola, ainda que de forma limitada, com apenas um exemplar disponível. Entretanto, a existência da obra na biblioteca não se converteu, até o momento, em práticas pedagógicas efetivas, visto que o livro nunca foi utilizado como material de apoio em sala de aula.

Tal postura sinaliza a possibilidade de ressignificação do livro no contexto escolar, desde que haja incentivo institucional, planejamento pedagógico e sensibilização dos docentes quanto ao potencial educativo da literatura regional. A coordenadora afirmou ainda que a autora Irma Galhardo já esteve presente na instituição, onde apresentou seu projeto literário a professores e alunos, o que possibilitou o contato direto da comunidade escolar com a autora e com sua produção literária. Tal fato evidencia que a obra *Epopéia Tocantinense* não é completamente desconhecida no contexto da escola. No entanto, mesmo diante dessa aproximação e do reconhecimento da autora no espaço escolar, o livro ainda não foi incorporado de maneira sistemática às práticas pedagógicas. Essa realidade suscita reflexões acerca dos desafios enfrentados na efetiva integração da literatura regional ao currículo escolar, indicando que o contato pontual com o autor ou com a obra, embora relevante, não é suficiente para garantir sua utilização contínua no processo de ensino-aprendizagem, sendo necessários planejamento pedagógico, incentivo institucional e formação docente voltada à valorização da cultura local. Assim, a realidade da EE 03 aponta não apenas para a necessidade de ampliação do acervo, mas, sobretudo, para a importância de estratégias pedagógicas que promovam o uso efetivo dos materiais já disponíveis, valorizando produções literárias locais como instrumentos de ensino da história e da cultura tocantinense.

No EE04, a coordenadora pedagógica informou que a obra não consta no acervo bibliográfico da escola e que não houve utilização do livro em práticas pedagógicas. A realidade identificada na EE 04 evidencia a inexistência do livro *Epopéia Tocantinense*, de Irma Galhardo, no acervo bibliográfico da escola, bem como a ausência de qualquer registro de sua utilização em práticas pedagógicas. Esse cenário reforça a constatação de que a literatura regional ainda ocupa um espaço reduzido no contexto escolar, especialmente no que se refere ao ensino da história e da cultura do Tocantins.

A ausência da obra no acervo limita as possibilidades de desenvolvimento de atividades pedagógicas que valorizem a produção literária local e que promovam uma abordagem mais contextualizada dos conteúdos curriculares. Além disso, a inexistência de iniciativas voltadas à utilização de obras regionais sugere a necessidade de maior articulação entre o planejamento

pedagógico e a valorização da identidade cultural, aspecto fundamental para a formação crítica e cidadã dos estudantes.

Dessa forma, a situação da EE 04 aponta para a importância de investimentos na ampliação dos acervos bibliográficos escolares, bem como para a implementação de políticas educacionais que incentivem o uso de produções literárias regionais no cotidiano escolar. A inserção do livro *Epopéia Tocantinense* poderia contribuir significativamente para o enriquecimento das práticas pedagógicas, favorecendo o ensino da história e da cultura tocantinense de maneira mais significativa e próxima da realidade dos alunos

Na EE05, o livro foi localizado pelo bibliotecário da instituição. Contudo, foi informado que, apesar de constar no acervo, a obra nunca foi utilizada pelos professores em atividades pedagógicas.

A realidade observada na EE 05 apresenta semelhanças significativas com o contexto identificado na EE 03, uma vez que o livro *Epopéia Tocantinense*, de Irma Galhardo, está presente no acervo bibliográfico da instituição, porém não foi incorporado às práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores. Apesar de localizado pelo bibliotecário, o livro permanece restrito ao espaço da biblioteca, sem utilização efetiva no processo de ensino-aprendizagem.

Essa situação evidencia que a simples presença da obra no acervo escolar não garante sua utilização pedagógica, o que aponta para a existência de outros fatores que influenciam a escolha dos materiais didáticos, como o desconhecimento da obra por parte dos docentes, a ausência de formação específica ou a falta de incentivo institucional para o uso da literatura regional.

Assim como na EE 03, observa-se um descompasso entre a disponibilidade do material e sua aplicação em sala de aula, o que revela a necessidade de ações que promovam a integração entre biblioteca e prática docente. Obras como *Epopéia Tocantinense* possuem potencial pedagógico relevante, especialmente por abordar aspectos históricos e culturais do Tocantins por meio de uma linguagem literária acessível, podendo enriquecer o trabalho pedagógico interdisciplinar.

Dessa forma, a situação da EE 05 reforça a importância de estratégias pedagógicas que incentivem o uso dos materiais já existentes nos acervos escolares, bem como de ações formativas que sensibilizem os professores quanto à relevância da literatura regional como recurso didático para o ensino da história e da cultura local.

Por fim, no EE06, constatou-se que o livro *Epopéia Tocantinense* não existe no acervo da biblioteca escolar, inexistindo, conseqüentemente, qualquer prática pedagógica relacionada à obra.

Os dados evidenciam que o livro *Epopéia Tocantinense*, de Irma Galhardo, é pouco conhecido e raramente utilizado nas escolas estaduais de Miracema do Tocantins. Mesmo nas instituições em que a obra está presente no acervo, não há registros de sua aplicação pedagógica, o que aponta para a necessidade de formação docente, divulgação da literatura regional e incentivo institucional para sua efetiva utilização. Embora alguns profissionais da educação reconheçam a importância de materiais que valorizem a identidade regional, observa-se que o livro *Epopéia Tocantinense*, de Irma Galhardo, é pouco conhecido e raramente utilizado como recurso pedagógico.

Mesmo nas instituições em que a obra foi encontrada no acervo bibliográfico, não há registros de sua efetiva utilização em sala de aula, o que aponta para um distanciamento entre a disponibilidade do material e sua aplicação pedagógica. Tal realidade pode estar relacionada à falta de divulgação da obra, à ausência de formação continuada voltada para o uso de literatura regional ou à preferência por outros materiais já consolidados no currículo escolar.

A pesquisa também revela a necessidade de políticas educacionais que incentivem a valorização da cultura e da história local, promovendo o uso de produções literárias regionais como instrumentos de ensino-aprendizagem. O livro *Epopéia Tocantinense* apresenta potencial pedagógico significativo, especialmente por abordar aspectos históricos e culturais do Tocantins em uma linguagem acessível, podendo contribuir para a construção da identidade dos estudantes e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento.

De modo geral, os dados revelam uma contradição entre o reconhecimento discursivo da importância da história e da cultura tocantinense e a efetivação de práticas pedagógicas que valorizem essa dimensão. A ausência da obra *Epopéia Tocantinense* no cotidiano escolar não decorre de sua inadequação pedagógica, mas de fatores estruturais, como a falta de políticas de aquisição de livros regionais, a insuficiente formação docente voltada à literatura local e a inexistência de ações sistemáticas que incentivem o uso desses materiais.

Assim, os resultados indicam que a contribuição da obra para o ensino da história do Tocantins ocorre predominantemente em nível potencial, e não prático, confirmando que há um amplo campo para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas e institucionais que promovam maior acesso, circulação e utilização da literatura regional nas escolas públicas.

4 POTENCIAL PEDAGÓGICO DO LIVRO EPOPEIA TOCANTINENSE

Nessa seção, trabalharemos o potencial pedagógico do livro em relação à construção de representações sociais e culturais do Estado do Tocantins. Aqui, buscaremos refletir sobre o papel da Epopeia Tocantinense no ensino de história e na valorização da identidade cultural.

Para isso, retomamos, inicialmente, a análise da obra Epopeia Tocantinense, de Irma Galhardo, enquanto produção literária que aborda a história, a cultura e a identidade do Tocantins por meio do gênero cordel. Em seguida, relacionam-se essas reflexões aos resultados obtidos a partir das observações *in loco* e das entrevistas realizadas com coordenadores pedagógicos, professores e bibliotecários das escolas estaduais investigadas.

A obra Epopeia Tocantinense, escrita por Irma Galhardo, apresenta-se como um marco literário e cultural para a compreensão da formação histórica, social e simbólica do Tocantins. Ao longo da análise, foi possível perceber que o livro transcende o caráter meramente narrativo: ele se constitui como um instrumento de memória, identidade e resistência, dialogando com o povo tocantinense e valorizando suas experiências de luta, fé, esperança e construção coletiva, que pode ser mediada pela educação, como explicita Saviani (2008) e Bittencourt (2008).

Para Saviani, (2008) a educação é um processo de mediação entre o indivíduo e a cultura, que tem como objetivo formar o ser humano histórico e social. Saviani afirma que a educação nasceu com a necessidade da humanidade de transmitir conhecimentos acumulados de geração em geração.

Mas porque queremos conhecer a história? Porque queremos estudar o passado, isto é, as coisas realizadas pelas gerações anteriores? Considerando que é pela história que nós nos formamos como homens; que é por elas que nós nos conhecemos e ascendemos à plena consciência do que somos; que pelo estudo do que fomos no passado descobrimos, ao mesmo tempo, o que somos no presente e o que podemos vir a ser no futuro, o conhecimento histórico emerge como uma necessidade vital de todo ser humano. Tendo em vista que a realidade humana de cada indivíduo se constrói na relação com o outro e se desenvolve no tempo, a memória se configura como uma faculdade específica e essencialmente humana e atinge sua máxima expressão quando se manifesta como memória histórica. (SAVIANI, 2008, p.151).

Para Bittencourt (2008), o ensino de História deve considerar os diferentes sujeitos sociais, suas práticas e suas memórias, permitindo a leitura crítica do presente a partir do passado. Isso implica reconhecer a importância da história local e regional como eixo de construção da identidade dos estudantes. Ela ainda propõe uma reflexão sobre os fundamentos teóricos metodológicos sobre o ensino de história, destacando a importância de um ensino que esteja em constante diálogo com a realidade dos alunos e com representações sociais que circulam na sociedade.

Refletir sobre a história, portanto, é um caminho eficaz para promover uma educação que valorize a identidade, a diversidade e a cidadania, formando indivíduos preparados para lidar com os desafios do presente com criticidade e compromisso social.

Segundo Aragão (2019),

A História seria a “recuperação” deste passado que envolveria a retomada das histórias coletivas da sociedade, bem como a valorização de “aspectos do cotidiano, das ideias, das festas, das práticas materiais dos homens comuns. Os atores dessa história são, portanto, atores coletivos e, quando um indivíduo dela emerge, é como referência exemplar para ilustrar um conjunto sempre maior. (ARAGÃO, 2019, p.33).

A autora traz a ideia de que a História não deve ser vista apenas como o estudo de grandes eventos e personagens ilustres, mas como um processo de recuperação da memória coletiva. Ela propõe uma visão de História que valoriza as vivências cotidianas, as tradições, as ideias, as festas, as práticas culturais e materiais das pessoas comuns.

Nesse contexto, o ensino de História assume uma função social de extrema relevância, pois é através da educação histórica que o sujeito tem acesso as narrativas que explicam a construção das identidades sociais.

Assim, a autora resgata, com sensibilidade poética, os acontecimentos que marcaram a trajetória do estado, desde o sentimento separatista até a concretização do Tocantins. O texto articula elementos da cultura popular, do imaginário coletivo e das tradições regionais, criando uma narrativa que une história e literatura, emoção e fato, memória e identidade. Essa construção permite ao leitor compreender não apenas eventos históricos, mas também o modo como o povo tocaninense se percebe, se narra e se reconhece como sujeito histórico.

Outro aspecto essencial é a forma como a obra reforça as representações sociais do tocaninense. A autora valoriza a figura do homem e da mulher simples, trabalhadores, sertanejos, ribeirinhos, quilombolas, indígenas enfim, pessoas que compõem o território em toda sua diversidade cultural. Assim, a Epopeia Tocantinese amplia o olhar sobre a identidade do estado, tornando-se uma ferramenta pedagógica relevante para a formação cidadã e para o ensino da história local.

Na seção 2 evidenciou-se que Epopeia Tocantinese apresenta um potencial pedagógico significativo, sobretudo por articular linguagem acessível, elementos da cultura popular e fatos históricos relevantes para a compreensão da formação do Estado do Tocantins. A obra se destaca por valorizar narrativas locais, símbolos, personagens e acontecimentos que contribuem para o fortalecimento da identidade regional, além de possibilitar abordagens interdisciplinares entre literatura, história e cultura popular.

Entretanto, ao confrontar essa análise com os dados levantados na seção 3, observa-se um distanciamento entre o potencial educativo da obra e sua efetiva utilização no contexto escolar. As entrevistas e visitas às escolas revelaram que o livro *Epopéia Tocantinense* é pouco conhecido pelos profissionais da educação e, na maioria das instituições pesquisadas, não integra o acervo bibliográfico. Mesmo nas escolas em que a obra foi localizada, constatou-se a inexistência de práticas pedagógicas que a utilizassem como recurso didático.

Essa realidade evidencia que a presença da literatura regional no ambiente escolar ainda é limitada, não apenas em termos de acervo, mas também no que se refere à sua inserção no planejamento pedagógico. Embora coordenadores e professores reconheçam a importância de trabalhar conteúdos relacionados à história e à cultura do Tocantins, a falta de materiais específicos, aliada ao desconhecimento de obras regionais, dificulta a implementação de práticas pedagógicas mais contextualizadas e sistematizadas.

Um aspecto relevante identificado na pesquisa diz respeito à Escola Estadual 03, onde, apesar de haver apenas um exemplar da obra no acervo, a autora já esteve presente na instituição, apresentando seu projeto literário. Esse fato revela que a obra e sua autora já foram, em algum momento, conhecidas por professores e alunos, o que demonstra que o desafio não se limita apenas ao acesso ao livro, mas também à continuidade e à institucionalização de propostas pedagógicas que valorizem esse tipo de produção literária. A ausência de uso sistemático da obra, mesmo nesse contexto, reforça a necessidade de maior articulação entre iniciativas pontuais e o planejamento pedagógico da escola.

Dessa forma, a análise integrada das seções 2 e 3 permitem compreender que a baixa utilização de *Epopéia Tocantinense* nas escolas não está relacionada à falta de relevância da obra, mas a fatores estruturais e pedagógicos, como a escassez de políticas de incentivo à literatura regional, a ausência de formação continuada dos docentes e a fragilidade na integração entre biblioteca escolar e sala de aula.

Conclui-se, portanto, que há um descompasso entre o reconhecimento teórico da importância da literatura regional e sua aplicação prática no cotidiano escolar. Superar essa lacuna exige não apenas a ampliação dos acervos, mas também estratégias pedagógicas que promovam o uso efetivo dessas obras, contribuindo para o ensino da história e da cultura tocantinense de forma crítica, contextualizada e significativa. Nesse sentido, *Epopéia Tocantinense* apresenta-se como um recurso potente para o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes, desde que acompanhada de planejamento pedagógico e incentivo institucional.

Entretanto, a análise também evidenciou desafios, como a necessidade de mediação docente adequada para evitar uma leitura acrítica dos fatos históricos, já que a obra apresenta certa idealização poética. O uso pedagógico do livro requer um olhar que una sensibilidade estética com rigor histórico, permitindo que os estudantes diferenciem narrativas literárias dos acontecimentos documentados.

Em suma, a *Epopeia Tocantinense* se destaca como uma obra essencial para preservar e valorizar a memória histórica do Tocantins. Seu potencial educativo, cultural e simbólico a posiciona como fonte rica para pesquisas acadêmicas e práticas pedagógicas. O fechamento dessa análise reforça que a obra não apenas conta uma história, mas também convoca ao fortalecimento da identidade tocaninense, à valorização das raízes e à construção contínua de uma consciência histórica crítica e comprometida com o povo e sua trajetória.

A obra *Epopeia Tocantinense*, de Irma Galhardo, apresenta significativo potencial pedagógico para o contexto escolar, especialmente por articular história regional, literatura de cordel e elementos da cultura popular tocaninense. Dessa forma, sua utilização em sala de aula pode favorecer abordagens interdisciplinares, promovendo uma aprendizagem contextualizada e significativa.

No componente curricular de História, a obra pode ser utilizada como recurso complementar para o estudo da formação do Estado do Tocantins, dos movimentos sociais, dos personagens históricos e dos aspectos culturais que marcam a identidade regional. A leitura de trechos do cordel pode servir como ponto de partida para discussões sobre os acontecimentos históricos narrados, possibilitando a comparação entre o texto literário e os registros históricos presentes em livros didáticos e documentos oficiais.

Na área de Língua Portuguesa e Literatura, o livro possibilita o trabalho com o gênero literário cordel, explorando características como rimas, métrica oralidade e linguagem popular. Os alunos podem ser incentivados a realizar leituras expressivas, análises textuais e produções autorais, como a criação de novos cordéis que abordem temas da história local, da comunidade ou da cultura tocaninense, estimulando a criatividade e o protagonismo estudantil.

No que se refere à cultura popular, a obra permite a valorização dos saberes tradicionais, das manifestações culturais e das identidades regionais. A partir da leitura do *Epopeia Tocantinense*, podem ser desenvolvidas atividades dialogadas, pesquisas sobre festas populares, símbolos do Estado, povos indígenas e comunidades tradicionais, bem como a realização de exposições, murais e apresentações culturais, fortalecendo o sentimento de pertencimento dos estudantes.

Além disso, a obra pode ser utilizada em projetos interdisciplinares, envolvendo outras áreas do conhecimento, como Artes e Geografia. Em Artes, os alunos podem produzir ilustrações, xilogravuras ou cartazes inspirados no cordel. Em Geografia, podem ser trabalhados aspectos territoriais do Tocantins, como rios, municípios e regiões citadas na obra, relacionando espaço geográfico e construção histórica.

Dessa forma, o uso do livro *Epopéia Tocantinense* em sala de aula contribui para a construção de práticas pedagógicas integradas, críticas e contextualizadas, promovendo o diálogo entre história, literatura e cultura popular, além de fortalecer a construção da identidade regional no ambiente escolar.

Os resultados da pesquisa de campo evidenciaram que, embora a obra *Epopéia Tocantinense* esteja presente em algumas instituições, sua utilização no contexto pedagógico ainda é limitada ou inexistente. Em grande parte das escolas pesquisadas, o livro não integra o acervo bibliográfico, e, mesmo quando disponível, não é incorporado às práticas pedagógicas. Tal realidade revela um distanciamento entre a produção literária regional e o cotidiano escolar, o que compromete a valorização da história local e da identidade cultural dos estudantes.

Do ponto de vista analítico, os dados evidenciam um distanciamento entre a proposta de valorização da literatura regional e sua efetiva inserção no cotidiano escolar. Essa realidade pode estar relacionada a fatores como a ausência de formação específica para o uso de materiais regionais, a predominância de livros didáticos tradicionais e a falta de articulação entre políticas educacionais e práticas pedagógicas.

A partir da análise de conteúdo, foi possível identificar três categorias principais: (1) ausência da obra no acervo escolar; (2) presença sem utilização pedagógica; e (3) potencial pedagógico não explorado. Essas categorias permitem compreender que o desafio não está apenas na disponibilização da obra, mas na sua integração ao processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, a obra *Epopéia Tocantinense* apresenta potencial significativo para o ensino da história local, especialmente por sua linguagem acessível e representação cultural do território. No entanto, esse potencial ainda não é plenamente aproveitado no contexto das escolas investigadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as contribuições da obra *Epopeia Tocantinense*, de Irma Galhardo, para o ensino da história do Tocantins e para a pedagogia tocantinense, a partir de uma investigação realizada em escolas estaduais do município de Miracema do Tocantins. Para tanto, articulou-se a análise teórica da obra com os dados obtidos por meio da pesquisa de campo, permitindo uma compreensão mais ampla da realidade educacional investigada.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que o livro *Epopeia Tocantinense* é pouco conhecido e raramente utilizado nas escolas estaduais pesquisadas. Em grande parte das instituições, a obra não integra o acervo das bibliotecas escolares e, mesmo nas escolas em que foi localizada, não há registros de sua utilização sistemática em práticas pedagógicas. Constatou-se, ainda, que, embora coordenadores e professores reconheçam a importância de trabalhar a história e a cultura tocantinense em sala de aula, há escassez de materiais didáticos específicos e pouca divulgação de produções literárias regionais, o que dificulta sua inserção no planejamento pedagógico.

No que se refere à hipótese da pesquisa, esta foi parcialmente confirmada, pois a análise da obra permitiu identificar seu significativo potencial educativo, especialmente por articular história regional, literatura de cordel e cultura popular. A linguagem acessível e a valorização de símbolos, personagens e acontecimentos históricos do Tocantins favorecem abordagens interdisciplinares entre História, Língua Portuguesa e outras áreas do conhecimento. Dessa forma, *Epopeia Tocantinense* pode contribuir para a construção da identidade cultural dos estudantes, para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais contextualizadas e significativas no contexto da educação tocantinense.

Do ponto de vista analítico, compreende-se que a obra não deve ser utilizada apenas como recurso ilustrativo ou descritivo, mas como instrumento que favoreça a problematização da história local, contribuindo para a construção da identidade cultural dos estudantes e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Nesse sentido, seu uso exige mediação pedagógica crítica, capaz de explorar suas dimensões simbólicas, históricas e sociais.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se o recorte geográfico da pesquisa, restrito às escolas estaduais da zona urbana do município de Miracema do Tocantins, o que não permite generalizações para outras realidades educacionais do Estado. Além disso, a pesquisa não contemplou entrevistas diretas com a autora da obra, utilizando-se, para esse fim, de uma

entrevista publicada em fonte documental. Outro limite refere-se à ausência de experiências pedagógicas efetivas com a obra nas escolas pesquisadas, o que impossibilitou a análise de práticas concretas já desenvolvidas a partir do livro.

Diante dos resultados obtidos, sugere-se a realização de pesquisas futuras que ampliem o campo de investigação para outros municípios e regiões do Tocantins, bem como estudos que acompanhem a implementação de projetos pedagógicos utilizando a obra *Epopéia Tocantinense* em sala de aula. Recomenda-se, ainda, o desenvolvimento de ações de formação continuada para professores, voltadas à valorização da literatura regional, e a ampliação dos acervos bibliográficos escolares com obras de autores tocaninenses. Tais iniciativas podem contribuir para a consolidação de práticas pedagógicas que valorizem a história e a cultura local, fortalecendo a memória social tocaninense no ambiente escolar.

Dessa forma, a análise da obra evidencia que *Epopéia Tocantinense* ultrapassa o caráter meramente descritivo, configurando-se como uma produção que contribui para a construção de sentidos sobre a história e a identidade tocaninense. No entanto, sua leitura exige uma abordagem crítica, capaz de problematizar as perspectivas presentes na narrativa e ampliar sua utilização no contexto educacional.

REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Aparecida Maria. **Palavra e Discurso: Literatura e História**. São Paulo. Ática, 1995 (p. 63-94)
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. São Paulo, 2016. Parte II. Da vida da palavra nos discursos aos discursos das mudanças. In *Palavra e discurso: Literatura e História*. São Paulo, Ática, 1995. p.63-90.
- BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**. São Paulo, Brasil, v. 32, n. 93, p. 127–149, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/152562>
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BRASIL. Ministério da educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC 3ª versão (final)**. Brasília, DF. 2017.
- BRASIL. Defensoria Pública do Estado do Tocantins (DPE-TO). **A comunidade quilombola Barra da Aroeira (Tocantins)**. Publicado em 01 jul. 2024. Disponível em: <https://www.defensoria.to.def.br/noticia/a-comunidade-quilombola-barra-do-aroeira-tocantins>. Acesso em: 06/11/2025]
- BRASIL. Secretaria da Cultura do Estado do Tocantins. Acesso em 22/11/2025.
- CORDEIRO, Amanda Fernandes Teixeira. Eu sou tocaninense que nasceu na Bahia: uma entrevista com Irma Galhardo. **Opiniões**, São Paulo, p. 341-347, 2019.
- GALHARDO, Irma. **Epopéia tocaninense**. 2. ed. Palmas: Edição de autor, 2025.
- GLOBOPLAY. **Cantor explicou como surgiu a música “A dois passos do paraíso”**. SóTocaTop, 28 mar. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8166217/>. Acesso em: 22 nov. 2025
- LIMA, Erika. Secretaria da Cultura. **História de Palmas resgata luta pela criação do estado do TO**. Disponível em <https://www.to.gov.br>. Publicado: 20/05/2013 11:54:00 - atualizado: 15/05/2021 10:46:07
- MOTTER, Ana Elisete. Tocantins: **Memória da autonomia** (1989–2002). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: <link>. Acesso em: 21 dez. 2025
- SAVIANI, Dermeval. **História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário**. EccoS – Revista Científica, São Paulo, v. 10, p. 147-167, 2008.
- SILVA, Denise Passos da. **Literatura, memória e identidade no Tocantins: a territorialidade tocaninense imaginada no romance “Serra dos Pilões: jagunços e tropeiros”**, de Moura Lima. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, Araguaína, 2019.

TOCANTINS. (Governo do Estado). Secretaria de estado da cultura. **A desbravamento da região.** Governo do estado do Tocantins. Palmas. Acesso em: 16 set. 2025.

TOCANTINS. (Governo do Estado). **Palmas 30 anos:** Praça dos girassóis é centro de poder, história e lazer para os palmenses. Acesso em 02/01/2026

TOCANTINS. Defensoria Pública do Estado do Tocantins. **A comunidade quilombola Barra do Aroeira (Tocantins).** 01 jul. 2024. Disponível em: <link>. Acesso em: 09 fev. 2026.

VASCONCELOS, Américo. **Retalhos de um passado:** Miracema do Tocantins. 1º edição. 1991

APÊNDICES

APÊNDICE A – Visita ao Palácio Araguaia, Palmas/TO (2024).



Fonte: Autoria própria (2024)

APÊNDICE B – Visita ao centro Geodésio, Palmas/TO (2024)



Fonte: Acervo do grupo da disciplina de Artes e Educação. Autor desconhecido (2024)

APENDICE C – Memorial Coluna Prestes, Palmas/TO (2024)



Fonte: Autoria própria (2024)

APENDICE D - Cordel de agradecimentos a banca examinadora (Kethlen Leite Moura Berto e Antônio Miranda).

Hoje em forma de poesia
Venho aqui agradecer
Aos mestres que com cuidado
Me ajudaram a crescer
Entre história e cultura
Aprendi a compreender

Do Tocantins tão querido
Trago orgulho e identidade
Nas palavras do cordel
Encontrei minha Tocantinidade
Valorizando as raízes
E a nossa realidade

A obra que foi estudada
Trouxe luz ao caminhar
Entre desafios e sonhos
Me ensinou a pesquisar
E na prática da escola
A cultura valorizar

A vocês, minha banca amiga
Deixo aqui minha gratidão
Pelo olhar tão atento
E também pela escuta e mão
Que ajudaram a construir
Esse sonho em formação

Que a educação floresça
Como o sol deste lugar
E que a nossa cultura
Nunca deixe de brilhar
Com carinho e respeito
Hoje venho homenagear

APENDICE E – Cordel de Gratidão ao Orientador: Dr. Francisco Gonçalves Filho

Hoje em versos eu escrevo
Com respeito e emoção
Pra falar de quem guiou
Com saber e dedicação
Transformando minha jornada
Em caminho de formação

Professor Francisco, doutor
De palavra e de saber
Com paciência e escuta
Me ensinou a aprender
E nos passos da pesquisa
Me ajudou a crescer

Entre dúvidas e incertezas
Nunca me deixou só
Com firmeza me orientou
Desatando cada nó
E mostrou que o conhecimento
Vai muito além do pó

Na cultura do Tocantins
Encontramos direção
Entre história e identidade
Fortaleceu minha visão
E fez do meu próprio estudo
Um ato de construção

Se hoje chego até aqui
Com orgulho e gratidão
É porque tive ao meu lado
Sua firme orientação
Que transformou o desafio
Em conquista e superação

Que a vida lhe traga sempre
Reconhecimento e luz

Pois plantar conhecimento
É missão que nos conduz
E o senhor, com excelência,
É exemplo que reluz

Com carinho e eterna gratidão,
Alaize Barbosa Vieira (Pedagogia – UFT/Campus de Miracema)